

A BOSSA DA CONQUISTA

AUTOR: Ann Jellicoe tradução Bárbara Heliodora

Número de personagens: 3 homens e 1 mulher.

Personagens:

Tom - inquilino de Colin

Tolen - idem Tom

Colin

Nancy

Número de páginas: 48

Número de exemplares: 1

Atos: 2

Tema: Amigos que moram juntos estão mudando tudo de lugar quando entra uma mulher e transtorna toda a relação deles.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

3
RS

Peça A BOSSA DA CONQUISTA
Título original .. The Knack
Autora Ann Jellicoe
Tradutora Barbara Heliodora



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

1º ATO

Um quarto que está sendo pintado por Tom. A distribuição da tinta é determinada pela incidência de luz sobre as paredes. Há uma janela na D.B., na parede do fundo, e outra na E.A. A pintura não é uniforme, bonita, ou 'bem acabada', mas ao contrário, violenta e decidida. No palco há uma escada de pintor, um divã, duas cadeiras simples, de madeira. Um aparelho para exercícios de desenvolvimento torácico está pendurado na porta, na D.A. Ao abrir-se o pano Tom está no palco. Entra Colin.

COLIN - Hmm... ar... eu... ah...

TOM - Fabuloso! É fabuloso! É fantástico!

(PAUSA)

COLIN - Ah... hmmm...

TOM - Tá sêco?

COLIN - Onde?

TOM - Qualquer lugar.

(COLIN EXPERIMENTA)

COLIN - Tá indo.

TOM - Ótimo.

(PAUSA)

COLIN - Err... eu...

TOM - Eu detesto esse divã. (PAUSA) Pouquinho mais de branco aqui, eu acho. Mais branco. (PAUSA) Aqui. Que tal fica com a luz?

COLIN - Hum?

TOM - A luz. Manja. Branco onde é claro, preto onde é escuro, cinza no meio.

(PAUSA)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025



- COLIN - Ah... é... é...
- TOM - É? Ótimo. Mais branco. (PINTA.) Raios! (PEGA UM TAPETE E PINTA UM TAPETE) PO, CONSIDERADA, RETOCA O QUE PINTOU COM O TAPETE) Tá?
- COLIN - Não integra o sistema.
- TOM - Que?
- COLIN - Branco onde é claro, preto onde é escuro.
- TOM - Mas é bacana! Eu gosto.
- COLIN - Você é um porcalhão. Está tudo emporcalhado. Mal feito.
- TOM - Nada disso. Eu sou um decorador. Tá diferente, não tá?
- COLIN - Diferente?
- TOM - É.
- COLIN - De que?
- TOM - De antes de eu vir para cá.
- COLIN - Eu... ah... hummm... (6PAUSA)
- TOM - Ele não vai gostar.
- COLIN - Quem?
- TOM - Vai ficar chateado. Vai chatear o Tolen. Vai deixar ele furioso.
- COLIN - A casa não é do Tolen.
- TOM - Ele vai dizer que é criança.
- COLIN - A casa é minha. Eu que alugo. Então é minha. (PAUSA) Tem um bocão de troço no corredor.
- TOM - Ah, ha! Foi só porque o Tolen não se lembrou primeiro.
- COLIN - O corredor está todo atravancado. Eu quero trazer minha cama para baixo.
- TOM - Qual é o primeiro nome do Tolen?
- COLIN - Diz ele que não tem.
- TOM - Não tem?
- COLIN - Ele nunca sua. Eu quero trazer a minha cama...
- TOM - Mas se ele não usa nunca...
- COLIN - Minha cama para baixo.
- TOM - Mas ele tem que ter.
- COLIN - Eu quero trazer a minha cama...
- TOM - Pois então traz, tá?
- COLIN - Não consigo fazer ela sair pela porta da frente.



TOM - Você quer trazer a sua cama...

COLIN - Tem uma tralha danada no corredor.

TOM - Fui eu que botei umas coisas lá.

COLIN - Tem uma cômoda atrás da porta da frente. Não se pode

TOM - Nem entrar. Cadê o Tolen?

COLIN - Saiu. (PAUSA) Foi ver uma dona.

TOM - Ah.

COLIN - Tem troço demais no corredor.

TOM - Por que é que você quer trazer sua cama para baixo?

COLIN - O armário e a cômoda. A gente traz para aqui.

TOM - O que?

COLIN - Temporariamente.

TOM - Não.

COLIN - Para eu poder passar com a cama pela porta da frente.

TOM - A gente traz a cama para aqui e passa ela pela janela.

COLIN - Você só botou o armário lá fora para pintar...

TOM - Não quero ele de volta. O quarto está uma beleza.

COLIN - É preciso ser prático.

TOM - Essa porcaria...

COLIN - Mas você tem de sentar...

TOM - O fundo está caindo.

COLIN - Você tem de dormir...

TOM - Cadeiras!...

COLIN - Você não pode dormir no chão. Cadeiras?

TOM - Não, digo, No chão! Dormir no chão! Eu acho que vou boar, digo, botar o colchão no chão!

COLIN - O que?

TOM - É isso mesmo! O colchão no chão. Um quarto vazio...Vazio é lindo! Que ângulo! Para cima! Que idéia! (COLIN DESABA E S TONTEADO NA CADEIRA) Você é o maior! (PEGA A CADEIRA DE COLIN) Na parede! Fôra do caminho! Fôra do chão! Pendurá-las na parede!

COLIN - Essa não!

TOM - Essa sim! (ATIRA O COLCHÃO NO CHÃO) Ajúda, vá.Você! Ajuda aí! Me ajuda! Colin! Mas que idéia genial!

COLIN - Tem uma tralha danada no corredor.



- TOM - Põe no porão.
- COLIN - Aqui não tem porão.
- TOM - Dá pro Tolen! Põe no quarto dele! Isso! Ajuda aqui! Olha! Um maravilhoso quarto vazio! Por que é que você quer tirar sua cama para baixo!?
- COLIN - Comprar outra.
- TOM - É.
- COLIN - Maior. Metro e vinte. (PAUSA)
- TOM - Vamos empurar isso.
- COLIN - Não é melhor primeiro eu trazer a cama?
- TOM - Põe no porão ou então dá pro Tolen.
(RUÍDO FORA, DE UMA BICICLETA DE MOTOR QUE ENGASGA E PARA JUNTO À PORTA DA FRENTE.)
- COLIN - Aqui não tem porão.
- TOM - Dá pro Tolen! Olha! É o Tolen. Era a bicicleta dele!
(RUÍDO DE ALGUÉM EXPERIMENTANDO A PORTA DA FRENTE)
- COLIN - É o Tolen. Não consegue entrar. (GRITANDO) Já vou! (SAEM TOM E COLIN COM O DIVÃ. TOLEN ENTRA PELA JANELA. COLIN APARECE NA OUTRA JANELA. DEPOIS DESAPARECE)
- COLIN - (DE FORA) Tá lá não.
- TOM - (DE FORA) O que?
- COLIN - (ELE DESAP, DE FORA) Ele desapareceu.
- TOM - (DE FORA) Coisa esquisita. (ENTRAM TOM E COLIN)
- COLIN - Ah, você está aí...
- TOLEN - Suas janelas estão bem sujas.
- TOM - Vamos lavar.
- COLIN - Eu... eu tenho janelol. (SAI)
- TOM - O que é isso?
- COLIN - (DE FORA) É para limpar janelas. (PAUSA. VOLTA COM O JANELOL, QUE ENTREGA A TOM)
- TOM - (LENDO O RÓTULO) Limpando com Janelol... fica tudo como um sol. (PASSA UM POUCO DE JANELOL NA PARTE INFERIOR DA JANELA)
- TOLEN - Lavar com água limpa e depois esfregar com jornal acumula menos eletricidade estática.
- COLIN - É?
- TOLEN - Além de repelir a sujeira com maior eficiência.
(TOM COMEÇA A EXPERIMENTAR VÁRIAS FORMAS DE SESENHO FEITO COM O LÍQUIDO)
- TOLEN - Agora tem de limpar a parte de cima.
(TOM LEVANTA A PARTE INFERIOR DA JANELA E CRUZA ATÉ A OUTRA JANELA PARA ESFREGA-LA COM JANELOL.)
- TOLEN - Tom, eu espero que você perceba que para a janela ficar limpa será necessário remover o Janelol. (PAUSA) Tem de passar um pano para esse troço branco desaparecer.



- TOM - Ah, Colin, vamos descer a sua cama, tá?
- COLIN - Você não pode deixar esse negócio no vidro.
- TOM - Por que?
- TOLEN - Porque não pode. 'Passe parcialmente, digo, parcimoniosamente com um pano úmido e remova imediatamente com um pano sêco'.
- TOM - É como cortina de renda, só que tem que é melhor.
- COLIN - Cortina de renda?
- TOM - Tojén, você devia pintar suas janelas de branco. O branco refelte o calor. E assim você não tinha problemas quando caísse a bomba. (SAI TOM)
- COLIN - O que? O que foi que você disse?
- TOM - Problemas quando caísse a bomba. Problemas quando caísse...
- COLIN - Cortinas de renda? (SAI COLIN)
(TOLEN ESTÁ A PONTO DE SAIR QUANDO OUVI TROPEÇÕES, BAQUETS E GRITOS DE FORA. OS BARULHOS TRANSFORMAM-SE EM DIÁLOGO)
- COLIN - (DE FORA) Não dá pra virar.
- TOM - (DE FORA) Dá, sim.
- COLIN - Não dá. Tem de desarmar.
- TOM - O que?
- COLIN - Separar os pedaços.
- TOM - Vá lá.
- COLIN - Quer segurar a cabeceira?
- TOM - O que?
- COLIN - A cabeceira. Segura a cabeceira. A cabeceira?!
- TOM - Socorro!
- COLIN - Ham?
- TOM - Socorro! Socorro!
- COLIN - Cuidado com a parede!
- TOM - Ora. (RUÍDO VIOLENTO DO LADO DE FORA)
- TOM - Você também é cheio de coisa com essa casa.
(ENTRA COLIN COM A CABECEIRA DA CAMA. ENCOSTA-A NA PAREDE)
- TOM - (DE FORA) Onde ainda não tá seco, não! Droga!
(COLIN ENCOSTA A CABEÇA NO CENTRO DA ESCADA. OUTRO BARULHO VIOLENTO DO LADO DE FORA) Socorro! Prende o pé!
- COLIN - O que?
- TOM - O pé.
- COLIN - O seu? (SAI)
- TOM - O da cama. (DÁ BATIDAS E ENCONTRÕES DO LADO DE FORA, ACOMPANHADOS POR VÁRIAS IMPRECAÇÕES. COLIN ENTRA COM O PÉ DA CAMA)
- TOLEN - Alguém me telefonou?
- COLIN - Hm?
- TOLEN - Umás duas pequenas ficaram de telefonar.
- COLIN - Telefonou uma Maureen e hum... uma Joan.
- TOLEN - Joan? Joan de quê? (COLIN FICA PERPLEXO.) Não faz mal: ela



telefona de novo. (PAUSA) Fiquei com medo que fosse nete do boteco.

COLIN - Alice? (ENTRA TOM)

TOLEN - Hoje de manhã ela me levou para a sala dos fundos.

TOM - E o Jimmy?

TOLEN - Provavelmente estava na Igreja.

TOM - No sábado?

TOLEN - Foi o que ela disse. Atrás daquela cortina de contas tem uma sala cheia de tapas de prata. Pilhas e pilhas. É um vasto sofá cor-de-rosa no meio. Eu não sabia que o Jimmy era dado a esportes.

COLIN - Quem era a outra?

TOLEN - Que outra?

COLIN - A que você disse que estava esperando que telefonasse.

TOLEN - Uma pequena que conheci num telefone público.
(SAI TOLEN. PEQUENO RUÍDO DE OBJETO CAINDO. VOLTA TOLEN)
Tom, digo, Colin, será que você se importava de tirar aquela cama dali? Eu queria subir pro meu quarto.

COLIN - Ah, o estrado. Desculpe.

TOM - Você não pode passar por cima? (SAI. RUÍDOS, BARQUES. VOLTA COLIN)

COLIN - (PARA TOM) Me dá uma mãozinha, tá?

TOM - Por que é que o Tolen não dá?

COLIN - Hein?

TOM - Ele é que quer subir...

COLIN - Ah, hmmm... (SAI COLIN. VOLTA ARRASTANDO O ESTRADO)

TOM - Cuidado com a tinta. (TOM AJUDA.)

TOLEN - Por que é que você trouxe sua cama para baixo?

COLIN - Vou comprar uma nova.

TOLEN - Não diga!

COLIN - Maior. Metro e vinte.

TOLEN - Ah. Como a minha?

COLIN - Bem... eu... hm... eu pensei... que era boa idéia comparar uma nova. Sabe... hmmm... maior. Só... só pr'a... estar previnido, sabe... Eu queria... uma cama maior... outra cama... mais confortável. (PAUSA) Sempre serve para... hospedar meus primos casados. (PAUSA LONGA)

TOLEN - Você já arranjou uma pequena, Colin?

COLIN - Não.

TOLEN - Faz seis meses que a Carol foi embora, não faz?

COLIN - Hmmm. Hmmm...

TOLEN - E você já arranjou outra, Colin?

COLIN - Não.

TOM - Você não tem mulher nenhuma?

COLIN - Não.

TOM - E não tem mesmo.

COLIN - Não.



- TOM - Não tem!
- COLIN - Não.
- TOM - E não tem mesmo! Cretino! Para que é que você quer
cama?
- COLIN - Cuidado com a minha cama.
- TOM - A cama dele! A cama do Colin!
- COLIN - Ela não é muito forte.
- TOM - (ATRAVÉS DAS GRADES) Grrrr! Grrrr!
- COLIN - Pára! Pára! Pára com isso!
- TOM - Ela range! Ela corre! Ela gira! Ela espia, digo, espia só!
Yahooo!
- COLIN - Você vai...
- TOM - Pup...pup...pup...pup...
- COLIN - Escuta...
- TOM - Pup...pup...pup...p.p...pup...
- COLIN - Pára com isso!
- TOM - Pup...pup... cuidado!
- COLIN - Pára! pára! (TUDO DESABA. TOM E COLIN ESTÃO EMARANHADOS NA
CAMA E NA ESCADA) Seu... seu... débil mental! (PAUSA)
- TOLEN - Você botou terebentina no branco?
- TOM - Hein?
- TOLEN - Na tinta branca. Você botou terebentina no branco?
- TOM - Botei.
- TOLEN - Vai ficar amarelo.
- COLIN - O que?
- TOLEN - O branco vai ficar amarelo.
- COLIN - Amarelo?
- TOLEN - É.
- COLIN - Dessa eu não sabia.
- TOLEN - A terebentina enfraquece o chumbo branco na tinta e o óleo
de linhaça aflora e faz o branco amarelar.
- COLIN - Não diga! Você acha que vai precisar fazer tudo de novo?
(TOM ESTÁ PUXANDO O APARELHO DE GINÁSTICA)
- TOM - Não foi simpático do Peter ter deixado isto aqui?
(PAUSA. VÊ-SE UMA MOÇA PASSAR PELA JANELA DO FUNDO. TOLEN
COMEÇA A SAIR)
- COLIN - Onde é que você vai? Onde... (SAI TOLEN) Como é que ele faz?
- TOM - Ele já está começando a gastar a janela. Vamos tirar a cô-
moda do caminho para ele entrar pela porta. Ele não papa
elas na rua, sabe?
- COLIN - Não?
- TOM - Ele só estabelece o contato e arquiva para uso futuro. Está
aumentando o quadro.
- COLIN - Como é que ele fala com elas?
- TOM - (Ele só estabelece o contato) Sua cama está atrapalhando.
O que é que nós vamos fazer com ela? O que é que você vai
fazer com ela?
- COLIN - Ah, isso... bem... o que é que adianta?



- COLIN - Ah... isso... bem... o que é que adianta?
(TOM ARRASTA UM PEDAÇO DA CAMA E O ENCOSTA EM COLIN) O que é que o Tolen tem que eu não tenho? A Maureen que os tornozelos dele são sensuais. (TOM TRAZ OUTRO PEDAÇO DA CAMA E O ENCOSTA EM COLIN) Os meus tornozelos são sensuais?
- TOM - O que é que você vai fazer com essa cama?
- COLIN - Eu tinha pensado em levar lá para baixo.
- TOM - Baixo onde?
- COLIN - Pro ferro velho.
- TOM ; Pra vender?
- COLIN - É.
- TOM ; Por dinheiro?
- COLIN - E por que não? Por que...
- TOM - Não se mexa.
- COLIN - Por que?
- TOM - Por que cai tudo. (PAUSA) Está bem. Vamos levar pro ferro velho. É muito longe?
- COLIN - Uns vinte minutos.
- TOM - Vinte! (PAUSA LONGA) Leva de volta pro seu quarto. (PAUSA)
(COLIN SACODE A CADEÇA)
(TOM ABRE A BOCA PRA FALAR)
- COLIN - (INTERROMPENDO) Nem no corredor. (PAUSA)
- TOM - Você não pode ficar aí, assim. Até que está bonito.
- COLIN - Arma.
- TOM - Não.
- COLIN - Mas se armar ela fica em pé sozinha.
- TOM - Não.
- COLIN - Nos quatro pés.
- TOM - Eu não suporto a idéia. (PAUSA)
- COLIN - Pega o pé. (TOM OBEDECE DISTRAIDAMENTE) E a cabeceira.
(TOM OBEDECE DISTRAIDAMENTE)
- TOM - Como é que você consegue dormir nisso aí? Dá a impressão que a gente está numa jaula.
- COLIN - Como é que se pega mulher? Como é que eu vou arranjar uma pequena? (COMEÇAM A ARMAR A CAMA)
- TOM - Você sabe por que razão o ornitorrinco ou Platypus australiano - será que é Platypi? - não pode ser exportado?
- COLIN - Como é que eu vou arranjar uma mulher?
- TOM - Você está achando que eu vou contar uma bobagem qualquer, não é?
- COLIN - E então?
- TOM - É porque eles comem diariamente uma quantidade de minhocas exatamente correspondente ao seu peso total, e são capazes de morrer de fome em questão de horas. Sabe que como objeto ela é bem simpática? Como cama não é boa, mas como objeto não é nada mau. Isso mesmo. Olha. Bem bonito! (COLIN PEGA O COLCHÃO QUE ESTÁ NO CHÃO) Não!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



COLIN - Mas...

TOM - Não!

COLIN - Mas lugar de colchão é em cima da cama.

TOM - Mas isso não é cama! É um objeto. Mais do que isso, é um veículo não motorizado. Mmmmm. Não tem muito espaço, tem? É preciso tirar essas cadeiras do chão. Põe o colchão no corredor.

COLIN - Mas na cama é melhor.

TOM - Ah, vá lá. (TOM FAZ EXPERIÊNCIAS COM A CAMA)

COLIN - Por que é que o Tolen é tão sexy? (TOLEN É VISTO PASSANDO PELA JANELA. EXPERIMENTA A PORTA. ENTRA PELA JANELA)

TOM - Você demorou muito. Ela te esnobou?

TOLEN - Não. Vamos nos encontrar mais tarde.

TOM - Da próxima vez eu vou cronometrar.

TOLEN - Da próxima vez vem olhar. (TOM PEGA O APARELHO DE GINÁSTICA E EXPERIMENTA ALGUMAS VEZES)

TOM - Estou ficando bom nisso. Pff! Aposto que dou dez esticadas. Pff. Que horror!

8 TOMLEN - Eu dou vinte, mas você sabe...

TOM ; Quero ver. (TOLEN INDICA QUE É SUPERIOR A ESSE TIPO DE APLICAÇÃO DE SUAS ENERGIAS)

COLIN - Eu também dou vinte.

TOM - Quero ver. (COLIN PEGA O APARELHO E COMEÇA) Ele está dobrando os cotovelos, que fica mais fácil.

CCLIN - Quatro.

TOM - Tolen?

TOLEN - O que é?

TOM - Você acha que é boa idéia o Colin comprar uma cama de um metro e vinte?

TOLEN - Onde é que ele vai comprar?

CCLIN - Nove. No Catesby.

TOM - Bilionário.

TOLEN - No Heal's é melhor.

COLIN - O que? Doze.

TOLEN - Em matéria de cama o Heal's tem mais experiência.

COLIN - Careiro. Quatroze.

TOLEN - Tá bem, mas você acha que é uma idéia boa, uma idéia éticamente válida? O Colin comprar uma cama maior sem ter mulher?

TOLEN - Eu conheço um cara que tem uma de um metro e oitenta.

TOM - Não pára?! Tem de fazer sem parar. Parando não vale. E esse cara, é muito gostoso? Quem é?

TOM, digo, CCLIN - Vocês não acham...?

TOM - Não para!

CCLIN - Vocês não acham...

TOM - O que?

COLIN - Que era melhor eu comprar uma de um metro e oitenta? (PARA)

TOM - Quantas foram?

COLIN - Vinte e quatro. (CAMBALHEANDO) Onde está a cama?

TOM - Você quer dizer o objeto.

- TOM - Você quer dizer o objeto.
(COLIN DESABA NA CAMA. VÊ-SE UMA MOÇA PASSAR NA JANELA.
SAI)
- COLIN - Onde é que ele foi?
- TOM - Passou uma moça e ele foi atrás. (PAUSA)
- COLIN - Você tem um cigarro?
- TOM - Eu pensei que você não fumava.
- COLIN - Você tem um cigarro?
- TOM - Não. (PAUSA) Escuta, Colin: eu tive uma idéia para você. Para ensinar música a criança.
- COLIN - Anh...
- TOM - Escuta só: A minha idéia do giz não foi boa?
- COLIN - Não foi ruim.
- TOM - Você usou ou não usou? Usou?
- COLIN - Tá bem, conta. Conta.
- TOM - O chato do Tolen podia ajudar, droga.
- COLIN - Como?
- TOM - Ele é músico. Você precisa orientação dele. Mas não se pode deixar aquele filho da mãe chegar perto de criança porque ele logo começa a gritar. Mas escuta o que eu estive pensando. Você tem um piano? Como é, tem? Puxa, a porcaria da escola não está mobiliada se não tem piano.
- COLIN - Tem sim.
- TOM - Ótimo. Escuta, eu estive bolando o seguinte. Esse negócio de ensino é tão intelectual, e quando não é intelectual ainda é pior, porque é metido a durão, pelo menos a maior parte. Os professores falam tudo para as crianças e o que resulta é um bando de papagainhos, um bando de autômatos: opacos, limitados e quadrados.
- COLIN - Continua.
- TOM - Então você pega o piano e pega os gurís e diz que é um jogo, tá? Pois é. Você diz que não vale olhar para as notas porque isso é roubar...
- COLIN - Não vale olhar...
- TOM - Se eles olharem as mãos uns dos outros só vão se imitar. O que você não pode é colocar o seu próprio raciocínio entre eles e a experiência direta. Não intelectualiza a coisa. Deixa eles terem o impacto. E não fala de música, fala de barulho.
- COLIN - Barulho.
- TOM - E o que é que é música? Não é uma arrumação de barulhos? Estou falando sério. Você diz: 'Venham cá fazer barulho no piano'. Um deles, finalmente, vai se candidatar e bater nas teclas, bang, bang, bang, e aí você diz que está certo e que quer que venha outro fazer a mesmo barulho.
- COLIN - Barulho.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025



- TOM - O mesmo barulho. É o primeiro passo. Eles terão de ouvir para poder bater no mesmo lugar... e eles podem acertar mais ou menos porque o normal é batucar ali no pedacinho do meio. A etapa seguinte é fazer eles andarem em torno do piano, fazendo uma roda, todos fazendo o mesmo barulho. Eles vão gostar. Quando começar a encher, você evolui. Você diz: 'Agora vamos fazer outro barulho'.
- COLIN - Outro.
- TOM - É. e aí faz eles sustentarem.
- COLIN - Ainda não percebi, quer dizer...
- TOM - Escuta. Assim eles vão descobrir por si mesmos, vão ter uma experiência direta, vão sentir eles mesmos... todos os princípios básicos da música, e assim eles não vão se fechar, não vão ficar pensando na coisa como o 'cultura', vai ser uma coisa divertida para eles. Escuta, seu cretino, seu boçal, você não gosta de Bartok, gosta?
- COLIN - Não.
- TOM - Táí. Você só não compreende. Seus ouvidos estão entupidos de Bach. Chegou em Mahler você para. Mas depois de meia dúzia de lições assim, você pode tocar Schönberg e Bartok para a garotada. Eles vão sentir exatamente o que é que eles estão fazendo. Aposto que vão. Vai ser igualzinho a iê-iê-iê. Puxa, eu queria ser professor. Juro por Deus que sou um gênio!
- COLIN - E o Tolen?
- TOM - O que é que tem o Tolen?
- COLIN - Você disse que ele podia ajudar.
- TOM - É para pedir os discos dele.
- COLIN - Mas ele não empresta. Ele não deixa ninguém tocar a mão neles. (PAUSA) A idéia é boa.
- TOM - Ótimo.
- COLIN - Obrigado. (PAUSA) Por que é que você diz que o Tolen é um filho da mãe?
- TOM - Ele só te impressiona por uma razão. Puxa, Colin, a única coisa que a gente vê sair de você é sexo, sexo, sexo.
- COLIN - Mas para você e o Tolen está tudo muito bem.
- TOM - Todos nós somos fracassos sexuais mais ou menos integrais.
- COLIN - O Tolen não é nenhum fracasso sexual.
- TOM - Bom, ele diz que precisa mais ou menos cinco horas por dia.
- COLIN - Então ele não pode ser um fracasso sexual. (PAUSA) Não pode ser. (PAUSA) Ninguém é um fracasso sexual gastando cinco horas por dia só nisso. (PAUSA) Será que pode? (PAUSA LONGA)
- TOM - Eu não estou gostando daquela parede. Tem alguma coisa errada.
- COLIN - Será que pode?
(NANCY PA, DIGO, APARECE NA JANELA E OLHA AO REDOR)
- TOM - Hei, Colin...
- TOM, digo, COLIN - Será que pode?



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.0242 - CEP 90020-025

TOM - Colin! (NANCY DESAPARECE)
COLIN - O que é?
TOM - Nada. O que é que você acha daquela parede?
COLIN - Bolas para a parede. Dane-se a porcaria da parede!
TOM - Não grita!
COLIN - Eu não estou gritando.
TOM - Você não está escutando. (NANCY APARECE NOVAMENTE NA JANELA)
COLIN - Ai... ai... ai...
TOM - Fala com ela.
COLIN - Eu... eu...
TOM - Pergunta as horas. Pêde uns trocados.
COLIN - eu... eu... você.
TOM - O que?
COLIN - Você... por favor.
TOM - Mas eu não posso agir por você.
COLIN - Ch... (COLIN SE VIRA DE COSTAS. NANCY SAI)
TOM - O que é que você acha daquela janela?
COLIN - O que? Ora, acho... (FAZ ALGUMA COISA VIOLENTA. TOLEN ENTRA PELA JANELA)
TOM - Tinha alguém mexendo na sua bicicleta.
TOLEN - O que? (TOLEN SAI)
COLIN - Quem é que estava mexendo na bicicleta dele? (ENTRA TOLEN)
TOM - Eu juro que alguém estava andando na sua bicicleta. Então?
TOLEN - Ejtão o que?
TOM - Quanto tempo levou?
TOLEN - Você não cronometrou?
TOM - E você, também não?
COLIN - Quanto tempo levou?
TOLEN - Não foi mais de dez minutos.
COLIN - Dez minutos! Só dez minutos!
TOLEN - Ora, Colin, então você acha que eu sou tão desastrado e tão grosso que voc, digo, vou fazer tudo na rua? Eu vou encontrar com ela.
TOM - Dez minutos! Dez minutos de porta a porta. Do começo ao fim? Do olá ao té logo?
COLIN - Dez minutos!
TOM - Dez, Tolen, dez! Tudo isso? Essa não, ô cara! Você está piorando. Está nos desapontando. Dez minutos! Você pode melhorar essa média. Mais rápido, homem! Mais rápido! Sempre mais rápido!
COLIN - O que?
TOM - Dá um copo d'água prá ele. Escuta, Tolen. Três, ouviu? Três minutos. Você não sabe os planos, os sonhos que eu tenho para você. Quatro minutos! Primeiro consegue baixar para quatro. Quatro da primeira palavra à última. É como uma corrida de milha em quatro minutos.



COLIN - O que?

TCM - Um projeto heróido! Pensa só! Uma nova prova nos Jogos picos.

COLIN - Ele está brincando?

TCM - E aí, com muita disciplina, muito treino, muita perseverança, 3 minutos e 59 segundos! 3 e 55! 3 e 50! e afinal... um dia... um dia quase inconcebível... 3 minutos! 3 minutos de ponta a ponta!

COLIN - Mais depressa é melhor?

TCM - Bom? Melhor? Que importa? Pelo amor de Deus, Tolen: você está me desapontando! Juro que está! Um homem com todas as vantagens, todas as oportunidades, todo o equipamento... O sonho de todas as mulheres! Lembre-se delas, Tolen... lembre-se de que elas precisam de você... precisam desesperadamente... (CHORA) e com a sua capacidade, a sua capacidade de se espalhar por aí...

TOLEN - Eu acho que você está maluco.

TCM - Deixe prá lá. Relaxa. Já vi tudo. Eu também sou homem. Compreendo. Compreendo mesmo. Mesmo, mesmo. (PAUSA) Você não ia conseguir. Você não ia aguentar. Não ia aguentar a batida. (TOLEN COMEÇA A FICAR IMPACIENTE) Ninguém aguenta. É demais. Muito depressa. Não é humano. Seria sobre-humano. Esquece. Eu sou generoso. Compreendo. (PAUSA) Espera. Tenho uma solução. A minha ideia é a seguinte: uma em três! Uma em cada três é com você. É isso, Tolen: uma em cada três você demora o tempo que quiser. (TOLEN BOCHEJA E SCBE NA CAMA)

TCM - Ele está cansado. Exausto. Foi longe demais. Pobre rapaz. Está cansado. Pobre sujeito. Depressa! Depressa! Cobertores! Conhaque! Pílulas! Travesseiros! Enfermeiras! Macas! Receitas! Enfermeiras! Enfermeiras! Bisturis! Enfermeiras! Enfermeiras! Toma um pedaço de açúcar Candy. (NENCY APARECE NA JANELA. TOLEN NOTA. SAI NANCY) Pense em salvar-se. Controle-se. Dê uma chance a você mesmo.

TOLEN - Bonitos lóbulos de orelha.

TOM - O que?

TOLEN - Bonitos lóbulos de orelha. (PAUSA)

TCM - Você quer me convencer que teve tempo de reparar nas orelhas dela?

TOLEN - Tom, parece-me que está bem claro que você não compreende que toda arte, toda ciência, estão na lentidão; no tempo que um homem pode conseguir levar. Aí é que está a arte. Mas é claro que eu não espero que você tenha a capacidade de apreciar esta verdade. Tom, há muito pouca arte e nenhuma sutileza numa cantada de três minutos.

COLIN - Mais devagar é melhor?

TOLEN - No entanto, Tom, se eu assim o desejar, fique sabendo que eu posso resolver o assunto em exatamente 85 segundos.



TOM - Tá.

COLIN - Tolen.

TOLEN - O que é?

COLIN - Será que... quer dizer... você me ensina... coj, digo,

TOLEN - Você quer dizer como é que eu pego mulher?

COLIN - É.

TOLEN - Eu poderia relatar intelectualmente a você o que tem sido a mi nha experiência. Mas a partir daí é uma questão de intuição. E a intuição, Colin, é de certa forma inata. A gente nasce com a intuição de como é que se pega mulher. Mas há algumas pessoas, Colin, nas quais tal sentimento, à custa de experiência e confiança, pode ser desenvolvido. É possível que um homem possa adquirir a bossa.

Em primeiro lugar é preciso compreender que as mulheres não são indivíduos, mas apenas tipos. Não chegam sequer a ser tipos. São apenas mulheres. Elas querem se entregar sem arcar com a respon sabilidade dessa entrega. E essa é uma das razões pelas quais o homem deve dominar.

Por outro lado, não há regras definidas. O homem deve ser infinitamente sutil; deve usar sua intuição, uma intuição muito sutil. Se você sentir que isso é indispensável para pegar a mulher, deve estar pronto para se humilhar, rastejar, se desmoralizar inteiramente na frente dessa mulher; mas isso - é claro - só em caso de extrema necessidade. Afinal de contas, que importância tem isso? Faz parte da conquista, e uma vez que ela seja conquistada quem rasteja é ela. Em última análise, Co lin, o senhor é o homem. Pois é preciso que você compreenda, Co lin, que todo o mundo gosta de ser dominado. Adoram ser mandados. Pede para ser aliviado de suas responsabilidades. Neste mundo, Colin, há os senhores e os escravos. Muito poucos são verdadeiros senhores. E praticamente todas as mulheres são escravas. Elas não querem pensar, querem ser dominadas.

A primeira coisa que se estabelece, então, é um contato. É claro que para você isso não vai ser fácil, pelo menos tão fácil como para mim. Não estou me referindo a toques, a comunicações tácteis. Isso virá mais tarde. Falo de um sentimento entre vocês dois. Você se sente consciente dela e ela consciente de vo cê; há uma vibração entre os dois...

COLIN - Espera um instante.

TOLEN - Que foi?

COLIN - Eu quero esclarecer uma coisa.

TOLEN - às ordens.

COLIN - (PAUSA) Eu não sei o que é que você quer dizer com esse contato.

TOLEN - É muito difícil de explicar. Tom, será que você poderia explicar?

TOM - Não.



TOLEN - Sentindo uma vez, Colin, na próxima você reconhece sem hesitação. E é quando estiver estabelecida essa base de contato que você começa a trabalhar para quebrar qualquer resistência e para propiciar a rendição. O elogio é útil: se uma dona inteligente, diga que ela é bonita; se é bonitinha, diga que é linda. E nunca, jamais, deixe com que ela perceba que você é inteligente ou intelectual. E nunca fale a sério com elas. No momento em que uma mulher começa a pensar, todo o processo se torna infinitamente mais demorado. Faça ela rir, faça ela falar. Pelo seu riso, pela maneira dela rir, você poderá saber se está progredindo. Talvez valha a pena fazer umas poucas considerações sobre a alimentação adequada.

COLIN - Alimentação?

TOLEN - A comida é da maior importância. A comida é um aspecto essencial. Nosso corpo precisa de proteínas e de energia para ter substância. Eu já constatei que talvez em virtude das minhas exigências sexuais incomuns, meu corpo requer pelo menos duas vezes mais proteínas do que a média diária normal.

COLIN - Proteína.

TOLEN - Queijos. Ovos, leite, carne.. Eu bebo dois litros de leite por dia. Leite integral. E como mais ou menos meio quilo de carne de cava. Não precisa ser da mais cara, quase todos os peixes tem o mesmo valor alimentício. Mas, por exemplo: maminha.

TOM - Maminha?

TOLEN - Maminha.

COLIN - Maminha. Queijo, ovos, leite, carne, maminha. Tom, você tem um lápis?

TOLEN - Maminha de alcatra é carne.

COLIN - Ah.

TOM - Você não está vendo o que é que você está fazendo com esse pirralho em fase de crescimento? Ele não tem mulher nenhuma e vai se entupir de leite e carne. Vai aumentar o fogo com a chaminé entupida. Escuta, Tolen, imagina que isto é um piano.

TOLEN - Hein?

TOM - Um piano. Blang, blang, lblank...

TOLEN - É uma cama.

COLIN - Eu quero que o Tolen me ensine.

TOM - Cala a boca! Ele já falou o suficiente. Um piano, blang. Agora me diz.

COLIN - Escula, Tolen...

TOM - Se você imaginar que não pode ver a minha mão...

COLIN - Cala a boca.

TOM - Eu toco dó sustenido, fá, lá...

COLIN - Tolen... (NANCY APARECE AO FUNDO, NA JANELA) Eu quero... prestar atenção. Eu quero... ouvir... eu quero ouvir o que o Tolen tem para contar. Esss...escuta. Esss...escuta. E daí? Você acha que me faz muito mal o que o Tolen está dizendo, mas você



não manda em mim. Quem manda sou eu, e eu estou cheio de mim mesmo, estou saturado. Eu quero saber o que o Tolen tem a dizer para mim... (NANCY ESTÁ NA JANELA) Eu quero saber. Ouço que ro ouvir. Eu quero ouvir o que ele (NANCY BATE NA JANELA)

NANCY - Alguém pode me dizer onde fica a Associação Cristã Feminina?

TOM - O que?

NANCY - A Associação Cristã Feminina.

TOM - Entra. Entra pela porta da frente. (TOM SAI)

NANCY - Obrigada. Muito obrigada. (RUÍDO DE OBJETOS CAINDO. ENTRA NANCY CARREGANDO UMA SACOLA DE LONA E OUTRA DE PAPEL. TOM CARREGA UMA GRANDE MALA)

NANCY - Olá.

TOLEN - Olá.

NANCY - Olá.

COLIN - Ah, olá. (PAUSA)

TOM - Como é? Alguém já viu?

COLIN - Viu o que?

NANCY - A associação Cristã Feminina.

TOM - É.

COLIN - Não. (PAUSA)

TOM - Você não quer sentar?

NANCY - Obrigada, mas... tá bem, obrigada. (ELA SENTA)

TOM - Você quer um chá, ou uma coisa assim?

NANCY - Não, eu não quero incomodar. Muito obrigada.

TOM - Mas não incomoda nada. Eu vou esquentar a água. (SAI TOM)

TOLEN - Ele disse que ia esquentar a água? Desde que ele se mudou para aqui nunca vi ele esquentar uma água.

TOM - (DE FORA) Chin!

COLIN - O que é?!

TOM - Como é que se liga o gás? (PAUSA)

(TOLEN COMEÇA A SE DEDICAR AO OBJETIVO DE CHATEAR NANCY E FAZE-LA SENTIR-SE INCONFORTÁVEL. E CONSEGUE. SE POSSÍVEL, DEVE CONSEGUI-LO SEM PALAVRAS,) - (ENTRA TOM)

TOM - Como é que se... (PARA NANCY) O que é que você acha do nosso piano?

NANCY - Que piano?

TOM - O nosso piano. Gosta? Do nosso piano?

NANCY - Que piano? Isso?

TOM - É.

NANCY - Isso não é piano.

TOM - É piano sim senhora.

NANCY - É cama.

TOM - É piano, fora de brincadeira. Ouve só. Ping.

NANCY - É cama.

TOM - Colin, não é piano?

COLIN - Hein?

TOM - Isto é um piano.

COLIN - Piano?

TOM



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- TOM - Isto é um piano.
- COLIN - Piano?
- TOM - Piano.
- COLIN - Ah, é. Piano. Ping!
- NANCY - É cama.
- TOM - (TOCANDO) Ping! (AGUDO) Ping! (GRAVE) P-i-i-i-i-n-n-n-g-g-g!
(CORRENDO NO TECLADO)
- COLIN - (MÉDIO) Ping.
- NANCY - É cama.
- TOM - Bechstein.
- NANCY - Bechstein?
- TOM - (AGUDO) Ping! (MÉDIO)Ping! (GRAVE)Ping!
- NANCY - É cama.
- TOM - (PRIMEIROS TRÊS COMPASSOS DO DANÚBIO AZUL) Ping ping ping
- NANCY - É cama.
- COLIN - Pau rosa.
- TOM - (CONTINUA O DANÚBIO AZUL) Ping ping ping ping ping ping
- NANCY - É cama.
- TOM - (CONTINUANDO) Ping ping ping ping
- COLIN - (CONTINUANDO) Ping ping ping
- TOM E COLIN - (TOCANDO JUNTOS) pãng ping ping ping
- NANCY - (MEIO HESITANTE) ping ping
- TOM - (DELICADAMENTE, ENCORAJANDO NANCY, QUE PASSA A PARTICIPAR)
ping ping ping ping (OS TRÊS PASSAM A CANTAR COM ENTUSIASMO
CADA VEZ MAIOR) ping ping ping ping (A PALAVRA APARECE 21 VE-
ZES NO ORIGINAL) (INTERCALAR PING E PONG)
- TOLEN - Quanta infantilidade! Para que tanta infantilidade por causa
de uma cama?
- TOM - Algum de vocês quer saber como é que se ensina a leão a ficar
em pé em cima de um banquinho? (PAUSA) Vocês querem saber como
é que se ensina leão a ficar em pé em cima de um banquinho? A
primeira coisa é o banquinho. (PEGA UM BALDE) Isso serve. E a-
qui fica marcado o limite da jaula... armação... grades...
- TOLEN - É necessário ser tão cretinamente infantil?
- TOM - Autenticamente infantil. O domador pega um chicote. Chicote?
É, chicote não tem. Falta o leão. Precisa um leão. O Tolen da-
va um bom leão. Não? Ei, Colin.
- COLIN - Não.
- TOM - Ora, vem ser leão.
- COLIN - Não.
- TOM - Por que? Não sabe rugir? O domador, com um banco na mão esquer-
da e o chicote - vocês tem de imaginar o chicote - na direita,
avança em direção ao leão e o acua de encontro às grades, tá?
Bom. Há um momento crítico no qual o leão tem de saltar sobre
quem o ataca, senão é tarde demais; perceberam? Bem. O domador
sabe qual é este momento. E na hora que o leão se encolhe para
dar o bote, ele recua. O leão, deixando de sentir ameaçado, dei



xa cair as patas da frente, e descobre que está trepado em cima de um banquinho. É só fazer isso meia dúzia de vezes que se tem um leão perfeitamente treinado na arte de trepar em banquinhos.

COLIN - Como é que o banquinho vai parar lá?

TOM - O que?

COLIN - Ele ainda está na sua mão.

TOM - O domador põe lá.

COLIN - Quando?

TOM - Vamos experimentar. Você tem de ser o leão.

COLIN - Não.

TOM - Tá bem. Eu faço o leão. (EXPERIMENTA RUGIR) A gente fica todo sexy.

COLIN - Eu faço o leão.

TOM - Tá bem.

COLIN - Eu preferia rugir dentro de um troço.

TOM - Hmmm?

COLIN - Ajudava na ressonância. (RUGE DENTRO DO BALDE)

TOM - Isso é o banquinho do leão.

CCLIN - Mas dá um som espetacular aí dentro. (COLIN VÊ A SACOLA DE NANCY E PEGA.

TOM - Não pode mexer aí.

CCLIN - Posso?

NANCY - Não faz mal. (COLIN ESVAZIA A SACOLA. REVISTAS. METE A SACOLA NA CABEÇA E SAI RUGINDO)

TOM - Isso! Isso mesmo! Isso! (COLIN DÁ UMA RIGIDA PARA TOM QUE RUGE EM RESPOSTA E DEPOIS OUTRA PARA NANCY. NANCY RI MEIO ASSUSTADA, MEIO EXCITADA. COLIN RUGE PARA ELA E ELA FOGE. COLIN TÁ TEIA EM PROCURA DELA, MAS ELA FOGE, RINDO)

TOM - Você devia andar sempre de sacola na cabeça.

COLIN - Espera aí. (TIRA A SACOLA E FAZ DOIS BURACOS NO LUGAR DOS OLHOS. TORNA A ENFIAR A SACOLA E SAI RUGINDO EM DIREÇÃO A NANCY. TOLEN PEGA UM LENÇO DE SEDA QUE USA E O ESTALA COMO SE FOSSE UM CHICOTE)

TOLEN - Eu sou o domador.

TOM - Vá lá.

TOLEN - Está pronto? (TOLEN AVANÇA PARA COLIN ESTALANDO O CHICOTE E TIRANDO UM GRANDE PRAZER NA IDENTIFICAÇÃO. COLIN RUGE E TOLEN RICA MAIS EXCITADO)

TOLEN - Para trás! Para trás! Seu... para trás! para trás, seu animal... sua besta! ... seu animal! animal... para trás! NANCY FICA CONFUSA ENTRE UM E OUTRO. GRITA E SAI. TOLEN PEGA A REVISTA.

TOM - Você já pensou, Tolen, no que poderia fazer com um chicote de verdade? Ou com um casse-tête? Já imaginou?

COLIN - (TIRANDO A SACOLA DA CABEÇA) O que foi que houve? Onde é que ela foi?

TOM - As malas ainda estão aí.



RIM DO 1º ATO

IIº ATO

(O QUARTO ESTÁ MUITO TRANQUILO. TOM ESTÁ PINTANDO SUAVEMENTE E PENSANDO SOBRE AS TINTAS. COLIN ESTÁ COM A SACOLA NA CABEÇA, O QUE LHE DÁ GRANDE LIBERDADE E O LEVA A TENTAR VARIAS EXPERIÊNCIAS, TAL COMO SE SENTIR COMO UM PÁSSARO EXÓTICO: DE PÉ NUMA PERNA SÓ, PULANDO, ARRULHANDO)

TOM - O que é que você acha?

COLIN - Não estou achando nada.

TOM - Hmmm?

COLIN - Não estou pensando nada. Não estou pensando.

TOM - Olhe!

COLIN - Hmmm?

TOM - Sabe que este quarto me acalma? (COLIN TIRA A SACOLA)

COLIN - Sabe que eu lembro a primeira vez que eu vi esta rua?

TOM - Esta?

COLIN - Sabe que as ruas assim... a sensação de espaço que elas dão... é fantástico! Quando estão vazias são assim meio... grandiosas... uma espécie de... esplendor decadente. Dão uma sensação de ser... no inverno... num dia nevoento de inverno, algo românticas. E no verão é tudo quente e... preguiçoso. E nos fins de semana - verão e o sol brilhante e as crianças correndo e as mães falando... sabe como é, contando novidades... e os homens limpando suas bicicletas... (VAI SE ENTUSIASMANDO) elas podem também ficar sombrias e ameaçadoras... quer dizer... sabe como é... quando a luz está mortífera e escura... sem sol... tudo é triste e ameaçador: é maravilhoso! E de manhã cedo... no começo do outono... eu já andei por tantas ruas como esta, sobrinho, sabe, só eu... e tudo era tão quieto... tão... (TOCA O TELEFONE, FORA) É prá ele. É pro Tolen.

(TORNA A COLOCAR A SACOLA NA CABEÇA E PEGA UMA REVISTA. TOM SAI. O TELEFONE PARA DE TOCAR. NANCY APARECE NA JANELA. NÃO VE COLIN. ENTRA PELA JANELA E COMEÇA A CRUZAR NA DIREÇÃO DE SUAS MALAS. COLIN VÊ NANCY. NANCY VÊ COLIN E FICA PETRIFICADA. ENTRA TOLEN PELA JANELA. TOLEN TIRA O LENÇO DO PESCOÇO. NANCY COMEÇA A FUGIR HISTERICAMENTE. HÁ UM PANDEMÔNIO DURANTE O QUAL A CAMA É VIRADA, E NANCY FICA PRESA ATRÁS DAS GRADES. TOLEN E COLIN BLOQUEIAM TODAS AS SAÍDAS. ENTRA TOM.

TOM - Colin, tira essa sacola da cabeça.

COLIN

TOM - Colin, tira essa sacola da cabeça!

COLIN - Hmm?

TOM - Tira logo. (COLIN TIRA A SACOLA) Vamos levantar a cama SE PARA OS PÉS DA CAMA) Tolen? (TOM E COLIN TIRAM A CAMA) Você não achou a Associação?

NANCY - Não.

TOM - Como é o endereço?

NANCY - Eu tenho aqui. (MOSTRA UM PEDAÇO DE PAPEL)

TOM - Martin's Grove. Onde é que é isso?

COLIN - Não sei. Espera aí que eu pego o guia. (SAI COLIN)

NANCY - Obrigada.

TOM - Bobagem.

NANCY - Obrigada mesmo.

TOM - Esquece. (ENTRA COLIN COM O GUIA)

TOM - Como é que se procura?

COLIN - Tem um índice.

TOM - O que?

COLIN - Atrás.

TOM - Ah.

TOLEN - Você chegou agora mesmo, não foi?

COLIN - Jota, jota, k, ele, ele, eme, ma. Está aqui.

TOLEN - Essa é...

TOM - Martins' Grove. J4 73. Que é isso?

COLIN - Página 73.

TOLEN - Essa é a primeira vez que você vem aqui?

NANCY - Aqui onde?

TOLEN - A Londres.

NANCY - É. (TOLEN E NANCY RIEM)

COLIN - No quadro J em cima e 4 do lado.

TOM - Que letrinha pequena.

TOLEN - Suas sobrancelhas são chinesas.

NANCY - Hein?

TOLEN - São chinesas. Uma curva muito clara. Muito delicada.

NANCY - Mesmo?

TOLEN - Você não tem espelho? Se tiver um eu te mostro.

NANCY - (TIRA UM ESPELHO) Oh!

TOLEN - Vira para o outro lado. (QUEM DIZ ESTA FALA É COLIN, VENDENDO O MAPA)

TOM - O que?

TOLEN - Viu como são bonitas?

NANCY - (DÁ DE OMBROS-ESTÁ IMPRESSIONADA)

TOM - Pronto. Tá aqui.

NANCY - O que? Ah, obrigada.

TOM - É perto. Nem cinco minutos. (NANCY ESTÁ COM TODA SUA ATENÇÃO VOLTADA PARA TOLEN) Nós levamos você. Nós levamos até lá.

NANCY - Ah, muito obrigada. Bem, talvez fosse melhor eu...





TOLEN - Como é que você se chama?

NANCY - Nancy. Nancy Jones. E você?

TOLEN - Tolen.

NANCY - Tolen? Tolen de quê?

TOLEN - Tolen.

NANCY - Tolen. Ah, já sei: como a Yana.

TOLEN - Perdão?

NANCY - Yana.

TOLEN - Yana?

NANCY - Como a Yana. Nada Yana. Yana coisa nenhuma.

TOLEN - Será que você podia me explicar do que é que você está falando?

NANCY - Você nunca ouviu? Ela é cantora. Ela canta.

TOLEN - Na televisão?

NANCY - E no rádio. É seu nome de batismo ou sobrenome? Hum? Qual dos dois?

TOLEN - Sobrenome.

NANCY - E qual é o seu nome de batismo?

TOLEN - Eu nunca uso. Eu não tenho.

NANCY - Mas qual é?

TOLEN - Eu prefiro não usá-lo.

NANCY - Por que?

TOLEN - Por que não uso. Eu não tenho nome. Não uso. (TOLEN SE AFASTA. DEPOIS, VOLTA PARA JUNTO DE NANCY, QUE MUDA DE POSIÇÃO, DESCONCERTADA)

TOLEN - O que é que há? Você tem alguma coisa? Está sentindo alguma coisa?

NANCY - Não.

TOLEN - Por que é que você está tão nervosa?

NANCY - Tou nada.

TOLEN - Está parecendo.

NANCY - Eu, hein? Estou, é?

TOLEN - Está.

NANCY - Ih...

TOLEN - O que foi?

NANCY - Nada.

TOLEN - O que é que há?

NANCY - Bem... é... é...

TOLEN - Então?

NANCY - É...

TOLEN - Você tá um bocado nervosa, hein? Nervosíssima. Por que é que você não tira o casaco?

NANCY - Não quero.

TOLEN - Mas minha cara, é melhor tirar.

NANCY - Não quero.

TOLEN - Mas por que?



NANCY - Porque não. (COLIN SAI) É... é...

TOLEN - Sim?

NANCY - É que você está olhando para mim.

TOLEN - Estou?

NANCY - Está.

TOLEN - Olhando como?

NANCY - Não sei... eu...

TOLEN - Estou olhando como?

NANCY - Eu...

TOLEN - Como é?

NANCY - Eu me sinto...

TOLEN - Como?

NANCY - Sei lá... eu...

TOLEN - Você se sente esquisita, não é? ... anda, me conta... anda...
conta para mim (NANCY SE AFASTA. TOLEN RI)

TOM - Qual é o edifício mais assustador de Londres?

TOLEN - Tudo depende do que você quer dizer como assustador.

TOM - Para com isso, Tolen.

TOLEN - O que eu faço é da minha conta e não da sua.

TOM - Não está vendo que ela não sabe de nada.

TOLEN - Ela sabe o que quer, ou pelo menos o que vai querer.

TOM - Não me parece que você seja a pessoa certa para dar a uma moça a sua primeira experiência.

TOLEN - Ela é um ser humano independente. Por que cargas d'água é que você vai decidir o que é que é bom para ela? Que idade você tem, Nancy?

NANCY - Dezessete.

TOLEN - Está aí. De qualquer jeito ela não é o meu tipo. E por que hoje já estou satisfeito. Só estou me divertindo. É mais sutil.

TOM - Você sabe o que é que acontece com mocinhas sozinhas em Londres, não sabe?

NANCY - Sei... sei, não, eu...

TOM - Acho bom você ir procurar o abrigo das mocinhas católicas.

NANCY - Mas eu não sou católica.

TOM - Você encontra o endereço em qualquer banheiro de estação ferroviária de Londres.

NANCY - Mas eu...

TOLEN - Como é que você sabe?

NANCY - Eu acho melhor eu ir embora... eu... (ENTRA COLIN COM O CHÁ, INCLUSIVE LEITE NUMA GARRAFA)

COLIN - Toda aquela porcaria no corredor. Você tem de tirar aquilo de lá.

TOM - Aqui é que eu não ponho.

COLIN - Mas no corredor é que não vai ficar. Você tem de tirar de lá.

TOM - Aqui dentro é que eu não ponho.

COLIN - Quando se aluga um quarto mobiliado é preciso ficar com a mobília.



- TCM - Aquela, não.
- COLLIN - O que é que tem a mobília?
- TCM - Aqui dentro eu não ponho. Põe em cima da cama e leva pro erro velho.
- COLLIN - A mobília é minha: você não vai vender.
- TCM - Pois você não vai vender a cama?
- COLLIN - Você não vai vender a minha mobília.
- TCM - A gente põe lá no alto da escada.
- TOLEN - Na porta do meu quarto? Pois sim!
- TCM - Põe no seu quarto.
- COLLIN - Ora, vamos tomar o chá. (COMEÇAM A SERVIR O CHÁ)
- TOLEN - Qual o edifício mais assustador de Londres?
- COLLIN - O Hospital de Crianças, em Ormond Street.
- TOLEN - Por que?
- TCM - Você sabe como é que o elefante ficou daquele feitio? (TOLEN TOCA EM NANCY) Pois olha, há muito tempo ele era um bichinho pequenininho, sabe? Com dois brutos dentões espetados prá frente. No entanto, há certas vantagens em ser grande... sabe como é... se pode comer coisas que estão em árvores e coisas assim... como os cavalos.
- TOLEN - Vindo de você a história parece particularmente incoerente.
- TCM - Obrigado. Então o bicho começou a crescer e desenvolveu uma queixada gigantesca para poder abocanhar tudo quanto era capim. Uma queixada imensa... aí de uns dois metros, imagine só. Do tamanho de uma porta! Ora, uma queixada de uns dois metros cria certas dificuldades no transporte da alimentação da parte da frente para a parte do fundo...
- TOLEN - Querem biscoito?
- TCM - Então ele tinha de usar o beijo de cima para empurrar todo aquele lixo para dentro.
- COLLIN - Não tem de chocolate?
- TCM - Eu comi. Bom. O beijo de cima do bicho começou a crescer. E tanto cresceu que começou a fazer o trabalho sozinho e o bicho não tinha mais que fazer com aquela imensa queixada. Ora, você sabe muito bem que todo órgão que não é usado constantemente se atrofia, e então a queixada começou a encolher. (PARA TOLEN) Não que você precise...
- NANCY - Quer chá?
- TCM - Mas os dois dentões ...
- NANCY - Quer mais chá?
- TCM - Sobraram. E o que sobra é um bicho que tem beijo de cima extraordinariamente comprido e dois dentões. O que sobre é um elefante. Nada de mais. Quero sim, obrigado. (TOLEN TOCA NOVAMENTE EM NANCY)
- NANCY - Você gosta? É novo.
- TOLEN - Se você não pintar logo essa parede toda ela vai manchar.
- TCM - O que?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TOLEN - Vai secar cheia de mancha.
TOM - É mesmo. Que boa idéia. É mesmo!
TOLEN - Você não queria me ver?
COLIN - O que?
TOLEN - Isso mesmo.
COLIN - Ver você?
TOLEN - Posi vai ver.
COLIN - Mas do que é que você...
TOLEN - Fica olhando.
COLIN - O que é que você quer dizer?
TOM - A sangue frio, Colin. A sangue frio.
TOLEN - Eu vou te mostrar como é.
TOM - Nancy! Você devia ir embora quando é mandada. (TOLEN FEÇA A RE
VISTA E SE DEITA NA CAMA)
NANCY - Você não quer alguma coisa debaixo da cabeça?
TOLEN - Tem uma almofada aí no corredor. (NANCY SAI E BUSCA A ALMOFADA)
TOLEN - Por que é que você não olha para mim?
NANCY - Não posso.
TOLEN - Por que?
NANCY - Porque eu... eu...
TOLEN - O que?
NANCY - Eu vou rir.
TOLEN - Por que?
NANCY - Você vai me fazer rir.
TOLEN - Por que?
NANCY - Porque vai.
TOLEN - Vou?
NANCY - Vai.
TOLEN - Vou?
NANCY - Vai.
TOLEN - Pois olha para mim e ri. Anda! Olha para mim e ri, olha para
mim, anda, olha para mim, ri, olha para mim, olha, ri. (ELA RI,
DEPOIS PARA DE RIR. ELE ESTÁ A PONTO DE BEIJÁ-LA)
NANCY - Não! Não!
COLIN - Ha! Ha!
TOLEN - Idiota! Cretino!
TOM - Você gosta do meu quarto?
NANCY - Não é grande coisa. Nem tem muito onde sentar.
TOM - Senta no piano.
NANCY - GESTO DE IRRITAÇÃO
TOM - Elas entopem muito aqui o lugar, de modo que eu vou ter de bo-
tar nas paredes.
NANCY - O que?
TOM - As cadeiras. Vão para as paredes.
NANCY - O que? Ah, deixa para lá.
TOM - É só para tirar do chão. Eu disse alguma coisa que incomodasse,
Tolen?

- TOLEN - Nada que você possa dizer tem a menor possibilidade de inco-
modar. Por que é que você procura explicações racionais
seus impulsos infantís?
- TOM - Eu o estou perturbandô?
- TOLEN - Só me fez rir.
- TOM - Oh! Ele está chateado. Ora se está. Cuidado se não você perde o
controle. Muito bem. Vamos voltar para o trabalho. Quer me dar
outra xícara de chá, Nancy?
- NANCY - O que?
- TOM - Quer ser boazinha e me dar outra xícara de chá?
- NANCY - Você acha que eu sou o que?
- TOM - Oh! Desculpe!
- NANCY - Ah, vá lá. (SERVE O CHÁ)
- TOM - Obrigado.
- NANCY - (PARA TOLEN) Você quer?
- TOLEN - Não. (NANCY SE SERVE DE CHÁ. PAUSA LONGA) Está bem. Pode ficar
com ela.
- COLLIN - Hein?
- TOLEN - Experimenta você.
- COLLIN - O que, eu?
- TOLEN - É.
- COLLIN - (PARA NANCY) Em Cardiff tem muita doca?
- NANCY - O que?
- COLLIN - Em Cardiff t-tem m-muita d-doca?
- NANCY - E eu é que sei?
- COLLIN - Mas é em Gales. Você n-não é d-de lá?
- NANCY - Não.
- COLLIN - Foi por causa do nome... Jones.
- NANCY - Onde é que você falou que ficava a Associação?
- COLLIN - Você tem que tomar o 27, saltar na terceira parada e andar pa-
ra a esquerda até...
- NANCY - É longe?
- COLLIN - Hmm?
- NANCY - É longe?
- COLLIN - Não muito.
- NANCY - Ótimo. Então eu vou.
- COLLIN - O que?
- NANCY - Embora. Vou embora. Já vou. E quanto ao senhor... senhor...
um nome só. Seu sem nome. Quanto ao senhor... quanto ao senhor,
(TOLEN RI) essa revista é minha. Dá aqui minha revista.
- TOLEN - Você quer a revista?
(TOLEN AVANÇA. NANCY RECUA. ELE PERSEGUE-A ATÉ QUE ELA NÃO CON-
SEGUE RECUAR MAIS. ELA ESPROFETEIA-O ELE A BEIJA) Viu? (NANCY
COMEÇA A CHORAR) Não é tão difícil assim.
- TOM - Bom, agora chega. Tolen, eu estou precisando do meu quarto.
- TOLEN - Está esperando alguém?



- TOM - Pode ser.
- TOLEN - Homem ou mulher? (PAUSA) Você é homossexual?
- TOM - Não. Mas obrigado pela oferta. (TOLEN SAI)
- COLIN - Por que é que você gosta de chatear ele?
- TOM - E ele ficou bem chateado, não ficou? Está amolecendo. Hei. Agora ele vai tocar ti, digo, vitrola e telefonar. Puxa, Colin, isto aqui está uma bagunça. Imagina só se a Rainha aparece. Esse raio dessa parede, infinita. Ela não acaba nunca. Eu já estou cheio dela. Toma. (DÁ UMA BROCCHA A COLIN)
- COLIN - Hein? Para que é isso? (TOM DÁ OUTRA BROCCHA A NANCY)
- TOM - Basta pintar ali na ponta, o pedaço liso, sem imaginação; aquele pedaço ali, que não requer nenhuma genialidade.
- COLIN - Você quer que a gente pinte a parede?
- TOM - A parte lisa, a chata. Já me enjoou.
- COLIN - Você é que é muito preguiçoso.
- TOM - Vamos em frente. Vamos em frente.
- COLIN - Preguiçoso e porco. (NANCY ATACA A PINTURA DA PAREDE)
- NANCY - É, sim. É, sim. (CONTINUA RESMUNGANDO E PINTANDO)
- TOM - Isso é que é menina. Bem boazinha! Isso. Isso mesmo! (SAI TOM)
- COLIN - Aqui?
- TOM - (DEFORA) Aqui o que?
- COLIN - É, aqui no canto da janela?
- TOM - É, de janela. (ENTRANDO) Aí mesmo. (ENTRA COM UM LENÇOL QUE AMARRA EM VOLTA DE NANCY. ELA TIRA O CASACO E ENTREGA A ELE)
- TOM - Assim está ótimo. Mais rápido, escravos! Elefantes! Os indus criam elefantes como nós criamos vacas. E eu estava só imaginando de que tamanho será teta de elefanta. Deve balançar um bocado. Vocês sabem que nos primeiros desenhos de Walt Disney entravam umas vacas e a censura censurou as tetas e então ele resolveu botar soutien nelas!... Já bolaram, uma porção de vacas leiteiras de soutien? Mas tem um troço errado nisso, porque vaca não deve precisar de soutien. Gente é que precisa porque anda de pé. Quando a gente andava de quatro dava tudo certo porque ficava tudo pendurado reto para baixo... vertical. Agora, andando em pé é um esforço muito grande... (NANCY ESTÁ RINDO) Tá bom, mas é verdade.
- COLIN - Ora...
- TOM - Hein?
- COLIN - Vê se não se exhibe.
- TOM - (PARA NANCY) Olá! (PARA COLIN) Eu não me exibo.
- COLIN - Exibe sim.
- TOM - (TOLHENDO OS MOVIMENTOS DE NANCY) Colin não quer que eu me exhiba.
- NANCY - E você se exhibe mesmo.
- TOM - Exbo nada.
- COLIN - Exibe sim. Não bate assim.



NANCY - Eu gosto de bater.

COLIN - Está respingando.

NANCY - E daí?

COLIN - Está pingando!

NANCY - E eu com isso? Que é que tem?

COLIN - Não fica tão excitada.

NANCY - Vai falando que eu estou ouvindo.

COLIN - Olha ela. Olha ela.

TOM - Estou olhando.

NANCY - O que é que tem?

TOM - (CONDUZ NANCY PARA UM PEDAÇO DE PAREDE DISTANTE DA PARTE QUE PINTOU COM MAIS CUIDADO) Cuidado... pronto... aí... agora... isso... mais pra esquerda...

NANCY - Qual é a diferença entre um elefante e uma caixa de correio?

COLIN - Nenhum dos dois pode andar de bicicleta.

NANCY - Ah, você já sabia.

COLIN - O que?

NANCY - Eu alcanço mais alto que você.

COLIN - (ESTICANDO O BRAÇO PARA CIMA) Eu já conhecia.

NANCY - Alcanço mesmo.

TOM - Eu não me exibo.

COLIN - Alcança nada.

NANCY - Alcanço.

COLIN - Não alcança.

TOM - Às vezes...

NANCY - Alcanço.

TOM - O que eu faço...

NANCY - Olha só.

COLIN - Não alcança...

NANCY - Alcanço muito mais alto!

COLIN - Ai!

NANCY - Que foi?

COLIN - Está escorrendo pelo cotovelo. Ai!

TOM - Você está pingando todo. Tem um trapo na cozinha. (SAI COLLIN. O TELEFONE TOCA. O TELEFONE PARA DE TOCAR. ENTRA TOLEN)

TOLEN - É para você.

TOM - HOMEM ou mulher?

TOLEN - Mulher. (TOM SAI) (TOLEN SE ENCAMINHA PARA NANCY PARA AJUDA-LA COM O LENÇOL. ELA O EVITA) Ninguém vai te assaltar. Só são violadas as moças que estão querendo. Desculpe... pelo que aconteceu.

NANCY - FAZ UM SIM COM A CABEÇA.

TOLEN - Eu fui muito desastrado... muito mesmo.

NANCY - Não faz mal.

TOLEN - Foi porque eles estavam aqui. Quer dizer... foi por isso.

NANCY - Foi?

TOLEN - De certo modo. Mais ou menos.

NANCY - Sei.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



- TOLEN - De certo modo. Mais ou menos.
- NANCY - É?
- TOLEN - Você não acredita?
- NANCY - Não sei...
- TOLEN - Por favor...
- NANCY - Eu...
- TOLEN - Por favor, acredite...
- NANCY - Não tem importancia...
- TOLEN - Importa. Importa muito. Para mim importa muito. Como você é sua ve. Um rosto tão doce... uma doçura enorme. (ELE A BEIJA)
- TOLEN - Pseiu... vem comigo... lá em cima... nós tocamos um pouco de música. (ENTRA COLIN)
- COLIN - Então, vamos continuar?... Uai... Onde é que vocês estão indo? Vão sair? Vão para a Associação? Eu vou com vocês.
- TOLEN - O que?
- COLIN - Eu vou junto.
- TOLEN - Onde?
- COLIN - Procurar.
- TOLEN - O que?
- COLIN - A Associação Cristã de Moças.
- TOLEN - Então, por que é que não vai você?
- COLIN - Hein?
- TOLEN - Por que é que você não vai procurar a Associação?
- COLIN - Pois vocês não estão indo? (TOLEN ESTÁ EXASPERADO)
- COLIN - Mas... vocês...
- NANCY - Eu acho que eu não...
- COLIN - Por favor...
- NANCY - E as malas?
- COLIN - As malas?
- NANCY - Eu não posso deixar as malas.
- COLIN - Ele toma conta.
- NANCY - Quem?
- COLIN - Ele.
- TOLEN - Eu?
- NANCY - Onde é que você vai?
- TOLEN - Vou sair.
- NANCY - Eu queria dar um passeio.
- COLIN - Eu também.
- NANCY - E as malas?
- COLIN - Você fica aqui.
- TOLEN - Por que é que eu devia ficar?
- COLIN - Para tomar conta das malas.
- TOLEN - Ele toma.
- COLIN - Você pode muito bem ficar.
- TOLEN - Por que?
- COLIN - Ele quem?



TOLEN - Tom.

COLIN - Ele está lá em cima. Elas não podem ficar aqui?

NANCY - Eu vou precisar delas lá. (TOLEN SE AFASTA. NANCY C SEGUIE)

COLIN - Vamos procurar a Associação.

NANCY - Você vem?

TOLEN - Na Associação?

COLIN - Pois então vamos nós dois.

NANCY - Bem...

COLIN - Então?...

NANCY - Eu acho que eu não...

COLIN - Mas você disse que ia.

NANCY - Disse?

COLIN - Disse.

NANCY - E as malas?

TOLEN - Por que é que você não carrega?

COLIN - Eu?

TOLEN - Se você vai até lá, por que é que você não leva as malas?

COLIN - Vamos dar um passeio.

NANCY - E as malas?

TOLEN - Você carrega.

COLIN - Ela?

TOLEN - É.

COLIN - Mas ela não pode.

TOLEN - Pois se ela já carregou. Foi ela quem trouxe até aqui...

COLIN - Ela não carrega.

TOLEN - Então carrega você.

COLIN - Eu quero as mãos livres. (ENTRA TOM) (TOM COMEÇA A SAIR)

NANCY - Onde é que você vai?

TOLEN - A qualquer lugar. Quer ir?

NANCY - Você quer que eu vá?

TOLEN - Se você quiser.

COLIN - Vocês vão para a Associação?

TOLEN - Talvez.

COLIN - Eu vou com vocês.

TOLEN - E as malas? (COLIN PEGA AS MALAS)

COLIN - Eu vou com vocês. (TOLEN E NANCY SAEM)

TOM - Não larga eles, Colin.

COLIN - Hein?

TOM - Não desgruda. (COLIN SAI. TOLEN E NANCY CRUZAM A JANELA, SEGUINDOS, LOGO APÓS, POR COLIN. TOM SAI. RUÍDOS DE MÓVEIS ARRASTADOS E BATIDOS. ENTRA TOM MUITO SATISFEITO CONSIGO MESMO. DESARMA A CAMA E A ARRASTA PARA FORA. RUÍDOS VIOLENTOS. ENTRA TOM EXAUSTO. BEBE LEITE. SAI COM A BANDEJA. TORNA A ENTRAR E RETOMA A PINTURA. TOLEN E NANCY CRUZAM DE VOLTA. EXPERIMENTAM A PORTA. TOLEN E NANCY ENTRAM PELA JANELA. AMBOS RIEM)

TOLEN - Mas já entupiram a porta de novo?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- TOM - Eu andei mexendo aí nuns troços.
- TOLEN - E se a gente empurra por cima... uuups (NANCY RI) E se a gente empurra por baixo ... uuups! (NANCY RI) Qual será o se (COLIN ENTRA PELA JANELA)
- TOM - Você está parecendo meio mareado.
- COLIN - Cala a boca!
- COLIN ENFIA A SACOLA NA CABEÇA. NANCY ESTÁ BASTANTE HISTÉRICA. TOLEN A EXCITA COM RISOS E BEIJOS. TOM INTENSIFICA A ATMOSFERA BATENDO RITMO EM ALGUMA COISA, CAMA OU ESCADA, E POSSIVELMENTE TAMBÉM CANTAROLANDO
- TOLEN - Como é, vamos ouvir aqueles discos que eu falei? (SAEM TOLEN E NANCY. TOM PARA DE BATUCAR E ESCUTA. RUÍDO VICLENTO DE COISAS CAINDO. ENTRA TOLEN)
- TOLEN - Quem foi que botou aquilo tudo na escada?
- TOM - Não se pode subir, não é?
- TOLEN - Eu não consigo passar para o meu quarto.
- TOM - Mentira!... (ENTRA NANCY)
- NANCY - Por que é que o armário está na escada? E a cama? A passagem está impedida na escada.
- TOLEN - (AGARRANDO NANCY)
- NANCY - Ai, você está me machucando.
- TOM - Pára! Pára com isso!
- NANCY - Me larga! Me larga! (ELA CONSEGUE FUGIR, MAS NÃO ANTES DE TOLEN A TER MACHUCADO E ASSUSTADO INTEIRAMENTE) Não me toque! (TOM E COLIN TENTAM APROXIMAR DELA PARA CONSOLÁ-LA, MAS ISSO SÓ CONSEGUE DEIXA-LA MAIS EXCITADA AINDA) Não! Prá longe! Escutaram? Prá longe! Não me toquem! Seus... seus... não me toquem! Não venham me tocar! Tá? tá? Bem... agora, o que é que há, hein? Hein? O que é? O que é que vocês querem? Estão querendo o quê? E você, seu sabido! Seu sabido! Seu sabe tudo! Você acha que é... você acha que é o bacana? Acha que é esperto? Você acha que tá tudo certo? Acha, hein, seu sabido? Seu calça justa! É isso, seu Calça Justa... Seu Calça Justa! Você acha que é o tal... você acha que é... Pois eu te mostro... eu te mostro... seu Calça Justa. Não chega perto de mim, tá? Não chega perto de mim, tá ouvindo? Vê só se chega! Eu te mostro! Calça Justa! É. É isso. Vê se chega?! Vê se chega?! Anda! Vem! Vem! (TOLEN RI E SE AFASTA. NANCY GEME E DESMAIA. COLIN CONSEGUE APANHÁ-LA NO AR)
- COLIN - Ela desmaiou!
- TOM - Ainda bem que tinha alguém por perto para agarrar.



FIM DO 2º ATO

(Antes de se abrir a cortina, ouve-se batidas violentas e sons de que-
da misturados com gritos e ordens)

Abre-se a cortina. (Colin está segurando Nancy como se fôsse um **saco**
de batatas. Tom e Tolen estão acabando de armar a cama)



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- TOM - Acordou?
- COLIN - Ainda está apagada?
- COLIN - Apagada?
- TOM - Puxa o cara é meio tapado. Traz pra cá.
- COLIN - Não sou eu que sou tapado. Ela é que é pesada.
- TOM - Não vai deixar cair. E agora que nós já tiramos isso aqui_
do caminho, Tolen, você pode ir para o seu quarto se dei-
tar. Nós botamos ela para descansar. Anda, joga ela prá cá...
Assim, não!
- COLIN - Você falou para jogar.
- TOM - Ela desmaiou, está desmaiada, não pode se defender. (Colo -
cam Nancy na cama)
- NANCY - Ai... ai meu Deus... ai ai ai... Estou me sentindo..., eu a-
cho que vou...
- TOM - Vomitar? (Nancy acena que sim com a cabeça) Mas aqui, não.
(Colin oferece o balde. Tom corre até à porta à esquerda e
abre) No banheiro. (Sai Nancy, seguida por Tom) (Pausa) (To-
len vai até a porta à EB. Abre-a e escuta por um momento, de-
pois encosta uma cadeira de encontro à base do trinco)
- COLIN - Que é que você está fazendo?
- TOLEN - Não quero que me interrompam. Não quero que o Tom nos inter-
rompa. Colin, há uma coisa que eu quero falar com você.
- COLIN - Ah... mas este quarto é do Tom.
- TOLEN - O quarto é seu, Colin, o quarto é seu. Você é o dono, Colin.
A casa te pertence e por isso este quarto é seu, e não do
Tom. Quem diz de quem é o quarto é você. Você é quem diz -
quem mora aqui.
- COLIN - Bem, de certa maneira você...
- TOLEN - Há uma coisa que eu quero falar com você, Colin. Uma idéia
que eu tive.
- COLIN - Hein?
- TOLEN - Você está prestando atenção? Isto é muito importante para -
você.
- COLIN - É, é?
- TOLEN - Colin, você está precisando de ajuda; você sabe disso, não
sabe?
- COLIN - Hm hm...
- TOLEN - Então me diz uma coisa: Quantas mulheres você já conseguiu?
- COLIN - Hm...



- TOLEN - Duas. Só duas. Você está custando para engrenar, não Colin? Custando mesmo. Só começou no ano passado. Já faz uns seis meses que a Carol foi embora.
- COLIN - Mmmmm...
- TOLEN - Seis meses não é isso? Duas mulheres em dois anos. E, no entanto, há gente que consegue mais de duas por dia. Bom; você sabe que eu posso te ajudar, não sabe?
- COLIN - Mmmm...
- TOLEN - Eu tenho uma sugestão a te fazer, Colin. Uma sugestão que eu acho que você vai achar interessante, e que pode te ajudar muito. (PAUSA) Como você sabe, eu tenho vários amigos. Homens. E eles, tanto quanto eu, podem te ajudar. No caso, eu estou pensando particularmente em Rory McBride. Rory McBride.
- COLIN - Ah.
- TOLEN - Rory McBride é um homem; um homem vivo, dotado, um homem que eu respeito. Ele sabe uma porção de coisas, Colin. Aos treze anos ele já fazia coisas que você ainda não fez até hoje; coisas que você nem sequer sabe que existem.
- COLIN - Que espécie de coisas?
- TOLEN - Um momento. Primeiro eu quero fazer a minha sugestão. Bem, como você sabe, eu tenho uma série de pequenas permanentes. Você sabe disso,
- COLIN - Mmmmm...
- TOLEN - Mulheres permanentes, Colin. Mulheres que eu papo com toda a regularidade. E Rory, por seu lado, também tem uma série de mulheres permanentes. Talvez não tantas quanto eu, mas sempre um número considerável. Pois muito bem: Recentemente ele e eu estávamos comparando alguns dados, e decidimos que talvez fosse uma boa idéia nós nos vermos com maior frequência... Talvez mesmo chegarmos a morar perto um do outro.
- COLIN - Ah, é?
- TOLEN - É, Colin... talvez até na mesma casa... porque assim talvez nós pudéssemos rachar as nossas mulheres.
- COLIN - Ah.
- TOLEN - Rachar as nossas mulheres.
- COLIN - Ah.
- TOLEN - É claro que ele percebeu que talvez a idéia seja um tanto perigosa para ele. Pode ser que ele perca uma parte da freguesia. No entanto, ele percebeu que a longo prazo ele poderá lucrar com esse tipo de acôrdo, porque ele poderá aprender muito com as mulheres que tenham estado comigo.
- COLIN - (CONCORDANDO) Mmmmm...
- TOLEN - E agora vem a sugestão que eu gostaria de fazer, Colin. Eu admitiria a possibilidade de permitir que você entrasse na sociedade.



COLIN - É?

TOLEN - É. Você tem muito o que aprender, e eu gostaria de ajudá-lo. Eu sinto que você merece ser ajudado. Eu estou pronto para permitir que você entre na sociedade e compartilhe das nossas mulheres. Estou convencido que você aprenderia muita coisa.

COLIN - Na certa.

TOLEN - Para você, seria um privilégio, Um grande privilégio.

COLIN - Ah, isso eu sei.

TOLEN - Eu sabia que você compreenderia. E eu estou certo de que Rory concordará. Eu mesmo falarei com ele.

COLIN - Será que ele concorda?

TOLEN - Se eu falar, ele concorda. (PAUSA) O que eu sugiro, Colin, é que ele se mude para esta casa.

COLIN - Hein?

TOLEN - Para aqui.

COLIN - Ah...

TOLEN - O que é que há?

COLIN - Aqui não cabe. Tem você, tem eu, e...

TOLEN - Mas há este quarto, Colin; o quarto que você aluga para o Tom. (PAUSA) Lembre-se que este quarto é seu. Você é o dono da casa. Rory podia ficar com o quarto e... (TOM GRITA DE FORA E BATE NA PORTA) Rory tem uma pequena chinesa, Colin; macia, bonita, que eu acho que vinha a calhar para você.

COLIN - Chinesa?

TOLEN - É uma questão de experiência. É claro que você nunca chegará a ser tão...

COLIN - Bom quanto...

TOLEN - Eu, mas...

COLIN - Mas mesmo assim...

TOLEN - Sem dúvida...

COLIN - Você acha mesmo...

TOLEN - Sem dúvida.

COLIN - Chinesa!
(ENTRA TOM PELA JANELA DO CENTRO AO ALTO)

TOM - Exatamente o que é que você está querendo?
Por que é que você trancou a porcaria da porta, Tolen? Acho bom você se lembrar que a porcaria do quarto é meu. (ARRANCA A CADEIRA DA PORTA)

TOLEN - Nada disso. O quarto é do Colin.

TOM - O que? O que é que há aqui? (PEQUENO RUIDO DE QUEDA NO ALTO DA ESCADA) (GRITANDO) Pára com isso! O que será que ela inventou agora? Onde é que está a bolsa dela? Agora ela quer o raio da bolsa. Vou te contar, ela está mais biruta que uma biruta. (GRITOS FORA. TOLEN CRUZA O QUARTO)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TOLEN - O que é que há, Tom? Você não sabe controlar suas ^{ações?}
(TOM SAI. TOLEN CRUZA O QUARTO NOVAMENTE)

TOLEN - Ele também tem uma alemã.

COLIN - Alemã? (COLIN CRUZA O QUARTO IMITANDO O TOLEN)

TOLEN - Cabeça alta, Colin. Cabeça para o alto! Não estica o queixo para a frente. Encolhe a barriga, dobra ligeiramente os braços... nos cotovelos... não tanto... agora está melhor. Os braços devem pender livremente dos ombros... Mas não balance os dois juntos! Cabeça para cima! Mova-se! Mova-se! Tem que sair dos ombros, Colin! E do peito! Das tripas! Da virilha! Da virilha! Mais da virilha! Pões mais sangue nisso, o car! Da virilha! Da virilha! Mova-se! Mova-se! Cabeça para cima! Autoridade, Colin! É preciso senti-la vibrar dentro de você! Autoridade! Cabeça para cima! Autoridade! Autoridade!

COLIN - Autoridade!

TOLEN - Autoridade! Mova-se! Mova-se! Mais! Autoridade!

TOM - (DO LADO DE FORA) Você pode tomar um chá e...

NANCY - (FORA) Chá?

TOM - (FORA) É.

NANCY - (FORA) Nem por nada. (ENTRA NANCY EMBRULHADA NUM COBERTOR)

TOM - (ENTRANDO) Pelo amor de Deus, quer fazer um chá para ela.

NANCY - Não vê que eu tomo. O que é isso?

TOM - O que é o que?

NANCY - Isso.

TOM - Nós trouxemos essa porcaria para aqui para deitar você. Agora deita.

NANCY - Pois eu não pedi para trazer nada.

TOM - Olha aqui, sua...

NANCY - Palavrão não vale. (COLIN ANDA PELO PALCO)

Pois podem ficar sabendo que vocês não me botam nela de novo nem por nada. Já se viu armar uma porcaria dessas só para tentar a gente. E ainda escondem nos corredores. Metem pra cá, metem pra lá. O que é que vocês acham que eu sou? Hein? Vocês estão ouvindo? Ouviram o que eu disse? (NANCY ARREGANHA OS DENTES E ROSNA NA DIREÇÃO DE COLIN, QUE FICA DESCONCERTADO, DEPOIS IGNORA-A E CONTINUA A CAMINHAR PARA CIMA E PARA BAIXO) Isso é que é provocação. Eu que o diga! Eu que o diga! Pergunta só, para eu dizer... pergunta.... (PAUSA) É uma situação muito desagradável;... da mesmo uma sensação de maldade criminosa... é isso mesmo... delinquente. Eles precisavam saber. Alguém devia falar pra eles... eu vou telefonar... pra Polícia, pra Scotland Yard... (DE REPENTE ELA VÊ COLIN ANDANDO PARA CIMA E PARA BAIXO) um, dois, um, dois (ELA REFETE UM DOIS TANTAS VEZES QUANTAS NECESSÁRIO FOR) (COLIN COMEÇA A ACOMPANHAR O RITMO E COM ISSO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ELES COMEÇAM A SE EXCITAR MUTUAMENTE. COLIN MARCHA BATENDO COM OS PÉS E SE DÁ TAPAS EM SI MESMO ATÉ EVENTUALMENTE MACHUCAR. NANCY ESTÁ TEMPORARIAMENTE APAZIGUADA)



- TOM - Táí. Muito bom esse andar que você arranjou.
- COLIN - Você acha?
- TOM - É muito interessante.
- COLIN - Foi Tolen que me ensinou.
- TOM - Ah, é?
- COLIN - Tem muita autoridade.
- TOM - Tem o que?
- COLIN - Autoridade.
- TOM - Ah. Então deixa eu ver de novo... ah... (COLIN FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO, DEPOIS TOM EXPERIMENTA)
- COLIN - Você tem de andar com as tripas.
- TOM - O que?
- COLIN - Com as tripas.
- TOM - Ah, já sei. Agora eu sei. Balde!
- COLIN - Hein?
- TOM - Pra servir de capacete. Um balde! O balde! O balde, anda! Rápido! Não me deixa esperando!
- COLIN - Ah. (COLIN CORRE PARA PEGAR O BALDE E O ENTREGA A TOM QUE O COLOCA NA CABEÇA DE COLIN)
- TOM - E agora eu vou te mostrar o que é autoridade mesmo, ouviu? Impressiona muito mais do que a sacola: um capacete. Dominador, brutal.
- (TOM COMEÇA A BATER UM RITMO DE 4/4 E A CANTAR O HORST WESSEL) Ra ra ra ra ra ra ra ra marcha! Marcha! Anda! Marcha! Ra ra ra ra. (NANCY PEGA O RITMO 4/4) Marcha! Marcha, desgraçado! Um, dois, esquerda, direita! Um dois. Esquerda direita! Bate mais com os pés! Forte! Como se estivessem de botas grossas! Botas para triturar os outros! Botas para chutar todo mundo! Sieg Heil! Sieg heil! Há! (COLIN RETIRA O BALDE) O que é que há? O que foi? Não gostou? Eu pensei que você achava sensacional. O Tolen gosta muito, não gosta, Tolen?
- COLIN - O Tolen não faz assim.
- TOM - Talvez não tão alto, mas pode ter certeza de que a idéia é a mesma. Fazendo mais alto fica mais gozado. É só isso, não é, Tolen?
- COLIN - Cala a boca
- TOM - É só dar uma olhada para as botas do Tolen. (PAUSA) (NANCY PULA PARA CIMA E PARA BAIXO)
- NANCY - Grr...
- TOM - (SEM NOTAR NANCY E DIRIGINDO-SE A TOLEN)



Quando eu morrer pode ser que eu seja reincarnado como uma alga. Isso não afeta de modo algum a minha atitude em relação às algas. Uma alga com o cabelo a escovinha morre de fome. (PAUSA) Suas orelhas estão ficando vermelhas. Estão latejando. Azul, vermelho. Não; eu estou exagerando. É só uma que está. A que está mais perto de mim. (PAUSA) O cavalo branco que se vê no parque pode ser uma zebra sincronizada com a cerca. (TOLEN SE AFASTA. TOM PARECE MUITO SATISFEITO)

- NANCY - Pode fazer à vontade que eu não tomo.
- TOM - Hein?
- NANCY - Não tomo não.
- TOM - Fazer o que?
- NANCY - Chá.
- TOM - (PARA COLIN) É melhor fazer um pouco.
- COLIN - (DESCONCERTADO) Tá.
- TOM - Você quer ouvir uma história? (SAI COLIN)
 Você vai gostar da história do kangurú... do kangurú. Ouviu? Hei, está ouvindo? Bom; você sabe que o filhote do kangurú mora dentro da bolsa da mãe, não sabe? Como é, sabe ou não sabe? Tem de dizer.
- NANCY - Ah, sei.
- TOM - Não precisa tanta coisa. A história é limpinha. Todas as histórias que eu conto são limpas, a não ser que eu avise antes. Muito bem; o kanguruzinho nasce com mais ou menos cinco centímetros e imediatamente pula para dentro da bolsa da mãe... como é que ele pula?... bem, não tem importância, ele consegue ir se agarrando no pelo... (COLIN ENTRA TRISTE CARREGANDO UMA BANDEJA QUE DEPOSITA E TORNA A SAIR)
 Quando chega lá dentro o kanguruzinho encontra um único bico, grande e sólido. O bichinho se atraca no bico e aí ele - o bico - incha, incha, incha até ficar mais ou menos como uma maçaneta dentro da boca do kanguruzinho. E nessa posição ficam eles durante quatro meses a fio. Trata-se de uma só e monumental chupada. Não é interessante? Essa história não te interessou como uma faceta do comportamento animal que pode ter reflexos importantes no comportamento humano? Você não fica maravilhada ao considerar de que vasta e maravilhosa família Deus nos fez parte? Bom, deixa para lá... (PAUSA)
- NANCY - O que é que aconteceu?
- TOM - Aconteceu quando?
- NANCY - Você sabe.
- TOM - Não sei não.
- NANCY - Você sabe quando. (ENTRA COLIN COM O BULE DE CHÁ. COLIN SERVE O CHÁ EM SILENCIO. DÁ UMA XÍCARA PARA TOLEN, VAI LEVAR OUTRA XÍCARA ATÉ NANCY) O que é isso?

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- TOM - Chá.
- NANCY - Eu não tomo. Nem chego perto. Ele vai botar coisas dentro.
- COLIN - O que?
- TOM - Coisas dentro?
- NANCY - Ele vai botar uma coisa dentro do chá.
- TOM - Deixa de ser boba.
- NANCY - Eu é que não tomo isso.
- TOM - Mas...
- NANCY - Não!
- TOM - Mas o que é que ele ia botar no chá? Não tem nada no chá!
Nada! Olha... Açucar! (PAUSA)
- NANCY - Eu gosto de açúcar.
- COLIN - Duas.
- NANCY - O que?
- COLIN - Duas colheres.
- NANCY - Eu tomo com duas.
- COLIN - Eu sei (PAUSA) (NANCY PEGA A XICARA E TOMA O CHÁ) (PAUSA LONGA)
- NANCY - Eu fui violada. (PAUSA) Fui, sim.
- TOLEN - Perdão?
- NANCY - Você escutou.
- COLIN - Eu, não.
- NANCY - Eu fui violada. (TOLEN INDICA AUDIVELMENTE O SEU DESPRESO)
- COLIN - O que?
- NANCY - Eu fui... foi logo depois... quando eu desmaiei... ali perto da... antes de eu subri com o... quando eu desmaiei. Eu fui violada. (TOLEN INDICA NOVAMENTE POUCO CASO)
- COLIN - Quando ela diz que f...
- NANCY - Fui, sim, você...
- COLIN - Ela quer dizer mesmo... quer dizer... que foi mesmo...
- TOM - Só pode querer.
- NANCY - Violada. Violada. Eu f-fui...
- COLIN - Mas...
- NANCY - Violada.
- COLIN - Mas não foi.
- NANCY - Fui, sim.
- COLIN - Mas ninguém...
- NANCY - Currada!
- COLIN - Mas nós estávamos aqui o tempo todo...
- NANCY - Hmmm!
- COLIN - Você sabe muito bem que estávamos.
- TOLEN - O problema dela é excesso de imaginação.
- NANCY - O que?
- COLIN - Ah, é?
- TOM - Cuidado.
- TOLEN - Melhor não dar atenção.



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

- NANCY = O que?
- TOLEN - Não liga.
- NANCY - O que? Socorro!
- TOM - Tolen, toma cuidado.
- NANCY - Eu fui violada! Fui...
- TOLEN - Ela só está querendo chamar atenção.
- NANCY - (UM POUCO INSEGURA) É?
- TOLEN - Ela engendrou toda uma fantasia em torno da idéia de nós a termos violado. Em primeiro lugar para chamar a atenção sobre si, e em segundo porque ela realmente gostaria de ser violada.
- NANCY - Hein?
- COLIN - Quer repetir?
- TOLEN - A declaração de que ela foi assaltada por nós é uma fantasia. Ela engendrou essa idéia porque na realidade ela gostaria de ser violada: ela quer ser o centro das atenções. Os dois objetivos são, de certa maneira, idênticos. A fantasia de que ela foi violada por nós satisfaz ambas as necessidades de uma só vez.
- COLIN - Ah.
- NANCY - O que é que quer dizer engendrou?
- TOLEN - Inventou.
- NANCY - Ah, não. Não, senhor. Isso não. Eu sei. Sei muito bem. Não pense que eu vou aceitar... não senhor, nada disso. Quem sabe sou eu. Vocês já se divertiram, e agora...e...e... ali, foi ali! Vocês já se divertiram e agora eu estou me sentindo toda engraçada, e esquisita, e enjoada. Eu sei muito bem... não pensem que estão tratando com uma... não pensem que eu sou boba, não... eu não sou nenhuma cretina... Socorro! Curra! Me pegaram! Pegaram sim! Curra! Curra! (NA JANELA) Curra! (TANTAS VEZES QUANTO NECESSÁRIO)
- TOLEN - Fecha a janela. (TOLEN PARTE PARA CIMA DE NANCY O QUE SÓ SERVE PARA REANIMÁ-LA E FAZE-LA GRITAR COM MAIS ENTUSIASMO)
- NANCY - Fui violada! (TOLEN DOMINA-A COM DESTREZA E FICA COM A MÃO COBRINDO-LHE A BOCA)
- TOM - Eu só quero ver como é que fica a sua dignidade com ela.
- COLIN - Cuidado para ela não morder!
- TOLEN - Fechem a janela (COLIN FECHA A JANELA. TOLEN LARGA NANCY)
- NANCY - Ah, então vocês não querem que eu saia gritando pela rua.
- TOLEN - Não queremos aborrecimentos mesquinhos.
- NANCY - Vocês estão é com medo que eles ouçam e trancafiem vocês todos.
- TOLEN - Apenas não pretendo me expor à indignidade de discutir com subalternos.
- NANCY - Você está aflito. Está assustado! Está com medo! Pois eu vou contar! Eu vou contar pra todo o mundo!



- COLIN - O que?
- NANCY - Pra polícia. Pra associação. Vou dar parte. Isso mesmo. De todos vocês. Vou contar que vocês violaram... como vocês... vou contar tudo. P'ros tiras. Pra associação.
- TOM - FFFfiu!
- TOLEN - É só chamar a atenção.
- COLIN - O que é que ela quer fazer?
- TOM - O que ela quer é contar a todo mundo que nós curramos ela. Pois muito bem (PAUSA) Nesse caso é preciso que ele a curre.
- COLIN - Hein?
- TOLEN - Perdão?
- TOM - Nesse caso é preciso que ela seja realmente violada por ele.
- NANCY - De novo, não!
- TOM - Você não quer que ela se cale?
- TOLEN - Mas eu não posso permitir que ela me exponha...
- TOM - (INTERROMPENDO-O SECAMENTE) Muito bem. Você declarou que ela inventou essa história porque na realidade deseja ser violada.
- COLIN - Então?
- TOM - Se ele quer que ela fique quieta nesse caso ele tem de violá-la. Segundo o que ele disse... é provável até que esteja certo... é a única coisa que pode satisfazê-la.
- COLIN - Ah, porque se ela for mesmo será o centro das atenções, não é?
- TOM - Exatamente. Então?
- NANCY - Curra! Violação!
- TOM - O que é que você diz, Tolen? (PAUSA)
- TOLEN - A idéia é sua. Faz você.
- TOM - Eu não, eu acho ótimo ela sair gritando pela rua (PAUSA)
- TOLEN - Colin?
- COLIN - Eu? Eu, não. Não posso (PAUSA)
- NANCY - Fui violada!
- TOLEN - Eu nunca na minha vida tive mulher à força e muito menos por ser forçado. Por ela exigir. Por ter de comprar o seu silêncio. E recuso-me a ter agora.
- TOM - Ora, anda logo, curra ela de uma vez.
- TOLEN - Eu não me rebaixaria a tanto.
- TOM - Que bobagem. É só de camaradagem.
- TOLEN - Seria uma traição...
- TOM - Anda, pega ela, anda...
- TOLEN - Uma traição de...
- TOM - Só para a gente ver.
- TOLEN - De mim mesmo como homem.
- NANCY - Socorro! Curra! Socorro!
- TOLEN - Cala a boca! (NANCY EXPLODE PELO QUARTO A FORA)



- NANCY - Corro! Curra! Corro! Curra! Corro! Curra! (TANTAS VEZES QUANTO NECESSÁRIO)
- COLIN - Segura! Ih o pastor!
- TOLEN - Não deixa...
- TOM - Aqui! Oba!... ups!
- TOLEN - Ela chegar...
- COLIN - O que?
- TOLEN - Fecha a porta!
- COLIN - Ai!
- TOLEN - A porta!
- TOM - Porta? Porta?
- COLIN - Porta? (UMA CORRERIA DE PERSEGUIÇÃO. FINALMENTE NANCY SAI PELA EB POR ENGANO; COLIN BATE A PORTA E TRANCA)
- TOLEN - A porta da frente! Ela sai pela porta da frente! (COLIN SAI PELA JANELA. OUVES-SE BATIDA DA PORTA DA FRENTE) (PAUSA) (COLIN VOLTA)
- COLIN - Não sai não. Está bloqueada. (PAUSA)
- TOM - Ela está muito quieta. Que será que está acontecendo? (PAUSA) Ela já quebrou todo o banheiro... é capaz...
- TOLEN - Meus discos! (TOLEN SE ATIRA SOBRE A PORTA MAS NÃO ABRE)
- TOM - O trinco! O trinco!
- TOLEN - Trinco?
- COLIN - O trinco! O trinco!
- TOM - O trinco!
- TOLEN - Trinco?
- COLIN - O trinco! (TOLEN CONSEGUE ABRIR A PORTA. COLIN SAI PELA JANELA. OUVES-SE BATER NA PORTA DA FRENTE) (PAUSA)
- NANCY - (DE FORA) Vocês pegam dez anos! Pelo menos! (ENTRA NANCY, DESCALÇA. ESTÁ USANDO SUA SAIÁ PREGUEADA DO SEGUINTE MODO: O BRAÇO DIREITO PASSA PELA ABERTURA DO FECHO. O CÔS PASSA POR CIMA DO OMBRO DIREITO E DEBAIXO DO BRAÇO ESQUERDO SOB O BRAÇO ESQUERDO ELA CARREGA SUA ROUPA DE BAIXO) (PAUSA)
- NANCY - Vão p'ro xilindró! Pra cana! Ver o sol nascer quadrado! Por muito tempo! Vocês vão ver! Eu vou contar tudo!
- TOM - Apesar dessa não ser a maneira usual de se vestir uma saia, mesmo assim é consideravelmente maior do que um maiô.
- COLIN - Mas isso não é maiô.
- NANCY - Vou processar por paternidade.
- TOM - Escuta, Nancy.
- NANCY - Vocês todos.
- TOM - Nancy.
- NANCY - Nancy coisa nenhuma.
- TOM - (NANCY IMPROVISA DURANTE A FALA QUALQUER COMENTÁRIO) Escuta, querida... não diz nada um pouquinho, tá? Olha, ninguém aqui te currou... Porém... um momento... Puxa, tudo está acontecendo tão depressa que você precisa nos dá um tempinho para



pensar. Quer dizer, você é uma menina sensata, Nancy; e inteligente, vamos falar um pouquinho. Nada de grito e nada de pulo.



- NANCY - É uma armadilha.
- TOM - Não é não. É um armistício de um minuto.
- NANCY - Tá bem. Um minuto eu dou.
- TOM - Não basta.
- NANCY - Dois.
- TOM - Cinco.
- NANCY - Três.
- TOM - Feito.
- NANCY - Três minutos só, hein? e aí eu começo a gritar de novo. Me dá um relógio.
- TOM - Vá lá. Colin!
- NANCY - E se vocês fizerem qualquer sujeira eu tenho o direito de quebrar o relógio.
- COLIN - Puxa!...
- TOM - Anda, Colin. (COLIN ENTREGA O RELÓGIO)
- TOM - Agora, Tolen.
- TOLEN - A situação é perfeitamente clara.
- COLIN - Para mim não tem nada de clara.
- TOM - Você tem de levar ela para a cama.
- TOLEN - Quer ficar quieto, Tom.
- NANCY - (ENQUANTO OS OUTROS CONFERENCIAM) Eu fui currada, etc.
- TOM - Deixa disso.
- TOLEN - Nós chegamos a um impasse.
- COLIN - Ela acha mesmo que foi currada por nós.
- TOM - Ela está convencida.
- TOLEN - Foi para chamar atenção e porque ela o deseja.
- TOM - E está pronta a dar parte disso.
- COLIN - É.
- TOM - Mas Tolen não quer que ela dê.
- COLIN - Não.
- TOM - Mas ele também não está pronto a tomar a outra atitude.
- COLIN - O que é que nós vamos fazer. (PAUSA)
- TOLEN - Ela tem de ser examinada por um médico competente.
- COLIN - O que?
- TOLEN - Por um médico. Se ela for virgem...
- TOM - Intacta...
- TOLEN - Estamos livres!
- COLIN - E se não for? (PAUSA)
- TOM - Se não for ela pode dizer que fomos nós e vai ser de doer para provar que não foi.



- TOLEN - Ela tem que ser virgem.
- TOM - Porque?
- TOLEN - Bom, olha para ela.
- NANCY - Já se passaram dois minutos. Só falta um.
- TOLEN - Tá na cara que é virgem.
- TOM - Não sei porque. Não há nenhuma ligação.
- COLIN - Ligação de que?
- NANCY - Acabaram?
- TOM - Não.
- NANCY - Faltam noventa segundos. (?)
- COLIN - Cuidado com o relógio!
- NANCY - Fui violada!
- TOLEN - Não afoba, Colin.
- COLIN - O relógio é meu.
- TOM - Diante de sua atitude, não me parece haver outro caminho ló-
gico a não ser o do entendimento. Vamos abrie negociações:
- TOLEN - Negociações?
- TOM - É.
- TOLEN - Negociar com uma mulher? Nunca.
- TOM - O que é que você sugere?
- TOLEN - Autoridade.
- COLIN - É?
- TOLEN - É.
- COLIN - Ah.
- TOLEN - Em todos os seus contatos com as mulheres o homem deve agir
com presteza e autoridade... e mesmo, se necessário com for-
ça.
- COLIN - Força?
- TOLEN - Força.
- TOM - Eu não concordo com a força e muito menos com a brutalida-
de.
- TOLEN - Não se negocia nunca.
- TOM - Calma. Calminha.
- NANCY - Sessenta segundos.
- TOLEN - Força.
- TOM - Negociar. Parlamentar.
- TOLEN - Negociar com mulher...
- TOM - Calma.
- TOLEN - Nunca! Força!
- COLIN - For...
- TOM - Calma, calma, calminha.
- TOLEN - Força, força. Negociar, nunca.
- COLIN - For... For...
- TOM - Sem brutalidade.
- TOLEN - Negociar nunca! O que?
- COLIN - Força! Força!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TOM - Ah!

COLIN - Força! Ao tratar com uma m-m-m-m

NANCY - Quarenta segundos!

COLIN - M-M-ulher o homem deve agir com presteza e autoridade.

TOLEN - Força.

COLIN - Força.

TOM - Vamos falar, negociar.

TOLEN - Força.

COLIN - Força.

TOM - Não! não! É preciso negociar!

COLIN - Força.

TOLEN - Força.

TOM - Vamos negociar!

TOLEN - Não, não. Força.

COLIN - For...for...ele tem razão!

NANCY - Faltam dez segundos.

COLIN - Força. (O QUE SE SEGUE DEVE SER AMONTOADO, UMA FALA SOBRE A OUTRA), (CONFORME CRESCE A EXCITAÇÃO)

TOLEN - Força.

TOM - Negocia.

NANCY - Oito.

COLIN - Força!

TOLEN - Nunca negocie!

TOM - Calma!

COLIN - Ele tem razão. Tem toda a...

TOLEN - Força.

NANCY - Quatro.

COLIN - O homem...

NANCY - Três

COLIN - deve...

NANCY - Dois.

COLIN - ...usar...

NANCY - Um.

COLIN - Força. (PEQUENA PAUSA) Cala a boca aí, ouviu?... Você está falando que nem... Mas agora vamos ser firmes! É na firmeza! É na pancada! Com quem é que você acha,.. Eu estive aqui o tempo todo, tá? O tempo todo. Você não foi currada coisa nenhuma. Não foi não. Eu sei, de modo que é melhor parar de guinchar. Eu sei. Eu fiquei aqui o tempo todo.

NANCY - Ah.

COLIN - Eu fiquei aqui o tempo todo. De modo que eu posso provar, provar, depor. Não ví nada. Você não foi currada. Eu sei. Estive aqui o tempo todo.

NANCY - Ah.

COLIN - Agora desce daí e se veste. Veste essa roupa. Desce daí, desce daí sua... porcariuzinha. Você não foi currada coisa nenhuma. Eu estive aqui o tempo todo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



NANCY - Você é!

COLIN - Eu fiquei aqui o tempo todo!

NANCY - Foi você! Foi você mesmo!

COLIN - Eu estava aqui... o que?

NANCY - Foi você, sim! Você mesmo! Foi ele! É ele! Foi ele que me violou! Ele estava aqui o tempo todo. Foi ele mesmo que disse! Foi, sim! Foi ele! Ele me currou!

COLIN - Hein?

NANCY - Foi você. Me assaltou. Foi você. Eu vou dar parte.

COLIN - Eu?

NANCY - É.

TOM - Ele?

COLIN - Eu?

NANCY - Você mesmo. Você ficou aqui o tempo todo.

TOM - Você, viu? Ela disse que foi você.

COLIN - Eu.

NANCY - Foi você, sim. E vai pegar dez anos.

COLIN - Eu, Eu? Eu! Mas que coisa horrível!

NANCY - Foi você!

COLIN - Mas você está inteiramente enganada.

NANCY - Enganada uma ova. Eu estava aqui o tempo todo.

COLIN - Mas está... alguém diz para ela! Um de vocês, Tolen, diz para ela que não fui eu. Não fui não, quero dizer...

NANCY - A minha cabeça está muito bem no lugar.

COLIN - Isso eu estou vendo, mas...

NANCY - Pois é. E foi você. Você me violou!

COLIN - Mas... eu garanto... quer dizer...

NANCY - Garante nada... foi você... foi ele, sim.

COLIN - Não, não, não fui eu não. Fora de brincadeira... logo eu.

NANCY - Sim, senhor, seu delegado: foi ele mesmo. Foi aquele. Pode algemar. A outra também. Pronto, vamos embora, venha logo, é por aqui...

COLIN - Não! Tolen... Tom... por favor. Não fui eu, quer dizer não fui eu mesmo não.

NANCY - Ha!

COLIN - Eu não ia fazer uma coisa dessas.

NANCY - E as roupas!

COLIN - Que roupas?

NANCY - Ele me arrancou a roupa toda.

COLIN - Arranquei,... ah, não!

NANCY - Espalhou tudo.

COLIN - Não.

NANCY - Olha, está tudo aí.

TOM - A prova é irrefutável.

COLIN - Não, eu, não.

NANCY - E com essa cara. Ninguém diria. Quem haveria de pensar!



- COLIN - Será que não?
- NANCY - Moça nenhuma teria qualquer desconfiança.
- COLIN - Ah, é?
- NANCY - Mas lá no fundo...
- COLIN - O que?
- NANCY - É um poço de desejo.
- COLIN - Que é isso?
- NANCY - As garras pingam sangue...
- COLIN - Oh.
- NANCY - E no porão estão escondidos os ossos de pilhas de vítimas.
- COLIN - Aqui não tem porão. Nada disso! Fora de brincadeira, eu não te fiz nada!... quer dizer... eu não faria... enfim... que coisa horrível!
- Eu? Você acha mesmo que fui eu?
- NANCY - É claro.
- COLIN - Quer dizer que você acha de verdade que fui eu?
- NANCY - Eu sei.
- COLIN - E acha mesmo.
- NANCY - Espera só chegar o domingo! O que é que você faz?
- COLIN - Hein? Eu sou professor.
- NANCY - "Professor curra... curra... Nancy Jones"!
- COLIN - Oh!
- NANCY - Mal sabiam os alunos do...
- COLIN - Ginásio Modelo.
- NANCY - ...do Ginásio Modelo que sob o belo aspecto de seu professor alto, louro e de olhos azuis chamejava a alma de uma _bêsta humana, alimentada com o sangue de virgens inocentes. Mal sabiam eles... Espera aí para ver o jornal.
- COLIN - Puxa. Eu, hein? Eu? Escuta aqui. Ora. Você acha mesmo... você acha mesmo que...
- NANCY - O que?
- COLIN - Que eu tenho um belo aspecto?
- NANCY - Bem... talvez seja mais viril do que belo. E forte.
- COLIN - Oh.
- NANCY - Ah. É. Muito. E mãos maravilhosas.
- COLIN - Hm. Ora. Hm. Você... você... por acaso está livre hoje a noite?
- NANCY - O que?
- COLIN - Por favor... não era isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que não te currei coisa nenhuma, quer dizer, _ ora. Olha, o que eu queria dizer era ir a um cinema, ou _ qualquer coisa, ou passear, ou tomar um troço. Qualquer coisa. Por favor. Eu acho que você é... que você é... simplesmente... puxa... você acha mesmo que fui eu? Quer dizer, eu não fiz nada, mas bem gost... quer dizer... quer dizer, eu _ queria te levar ao cinema, ou uma coisa assim.



- NANCY - Bom, eu não sei. Não me parece que fique muito bem... quero dizer, depois... depois de...
- COLIN - Por favor...
- NANCY - Bem...
- COLIN - Um cinema, uma coisa assim.
- NANCY - Você quer?
- COLIN - Se quero.
- TOLEN - Tudo isso me parece muito divertido.
- TOM - Eu já imaginava que sim.
- TOLEN - É de morrer de rir.
- TOM - Eu sempre apreciei seu senso de humor.
- TOLEN - Hein?
- TOM - Isso, Colin. Muito bem. Você está indo muito bem. Na verdade bem melhor que o grande Tolen.
- TOLEN - Trata-se de um incompetente sexual.
- COLIN - Hein?
- NANCY - Ele não é incompetente. O que é que é incompetente?
- TOM - Ruim.
- NANCY - Ruim? Ele é ótimo. Ele me violou.
- TOLEN - Ninguém te violou.
- NANCY - Violou sim.
- TOLEN - Ninguém te violou e você sabe disso muito bem.
- NANCY - Ele me violou.
- TOLEN - Violou nada.
- NANCY - Violou.
- TOLEN - E muito menos...
- NANCY - Violou.
- TOLEN - Ele. Ele não sabe distinguir uma ponta de uma mulher da outra.
- NANCY - Violou. Violou.
- TOLEN - O número de vezes que eu já vi ele começar: "Tem muita doça em Cardiff"? Não há jeito de chegar até o fim.
- COLIN - O que?
- TOLEN - É possível que...
- COLIN - O que foi que você disse?
- NANCY - Pois a mim ele pegou.
- TOLEN - É possível que, com a ajuda, ele melhorasse um pouco... e ele precisa ser ajudado, sem dúvida. Com essas pernas tortas, todo curvo, sem fôlego, todo arrebitado. Olha só para ele.
- COLIN - Hein?
- NANCY - Ele é do tipo rude.
- TOLEN - Eu só pergunto se é provável...
- NANCY - E bonito.
- TOLEN - Ou sequer possível...
- NANCY - E gostoso; o máximo.



- TOLEN - Ele leva quatro meses de trabalhos forçados para conseguir levar uma dona para a cama.
- NANCY - Mas levou. Você levou não levou?
- TOLEN - Esse droga.
- NANCY - Anda. Fala para ele.
- COLIN - Trabalhos forçados?
- TOLEN - Não se meta.
- NANCY - É. Cala a boca, você.
- TOLEN - Ele, currador, ora, tem dó.
- NANCY - Me violou. Me violou.
- TOLEN - Provavelmente até impotente (TOM COMEÇA A PREGAR UM PREGO NA PAREDE A UMA ALTURA DE MAIS OU MENOS 2,70m. DO CHÃO. SUAS MARTELADAS PROPOSITADAMENTE PONTUAM O QUE SE SEGUE; O SINAL * MARCA SUGESTÃO PARA GOLPES; O SENTIDO RÍTMICO DE OUTROS ATORES E DIRETORES PODERÁ LEVÁ-LOS A OUTRA DISPOSIÇÃO PARA SUAS PRODUÇÕES)
- COLIN - E por que não?
- TOLEN - O que? *
- COLIN 6 - Por que é que eu não?
- NANCY - *** Fui vio***lada. Fui violada.
- COLIN - Eu não^{***}, por que? (PARA TOM) Fica quieto (PARA TOLEN) Por que não? Incompetente sexual! Trabalho forçado! (NANCY COMEÇA A SALTAR PELO QUARTO) (COLIN, ENQUANTO FALA COM OS OUTROS A SEGUE, UM CERTO NÚMERO DE MARTELADAS CORRESPONDE AOS SALTINHOS DE NANCY) *****
- NANCY - Violada, violada, violada, violão, violência, violinha, violá...
(TOM ESTÁ MARTELANDO)
- COLIN - (PARA TOM) Fica quieto. (PARA TOLEN) Escuta aqui, seu...
- TOM - Violação! *****
- NANCY - Vi-i-i-i-i-i-o-o-o-l-ã-ã-ã-ã-o-o
- COLIN - O que eu digo é que isso é um ul*ul* ultraje! Ultraje! ** Um ultraje *** (PARA TOM) Para com isso! (PARA TOLEN) Fui eu, não fui? Por que é que eu não podia? Fui eu *.. Quer dizer, * eu podia ser*.. (PARA TOM) PARA COM ISSO! !! * (PARA TOLEN) Agora, escuta aqui, e que fique tudo bem claro... (PARA TOM) Cala a boca! (PARA TOLEN) Eu não sou nenhum incapaz!
- NANCY - Violí, violá, violinha, linha, lá, linha, ló.

- COLIN - (PARA NANCY) Para dizer a verdade, eu não fiz nada. Não que eu me importasse... (PARA TOM) Cala a boca, fica quieto (PARA NANCY) Até que eu gostaria muito... quer dizer... (PARA TOM) Cala a boca! (NANCY AGORA ESTÁ SUSTENTANDO UMA ESPÉCIE DE GANIDO QUASE QUE PERMANENTE. TOM COMEÇA A PREGAR OUTRO PREGO EM OUTRA PAREDE.) Cala a boca!... Vê se perce-

be o seguinte: vê * se * percebe*. Se eu quisesse podia * ter
currado ela*... cala a boca... Eu não... vocês acham que eu
...não teria... conseguido... para com isso!... eu...
eu... vou mostrar para vocês! (COLIN COMEÇA A PERSEGUIR NAN
CY PELO QUARTO) É só... eu... agarrar... ela... que... eu..
***** (uma série de martelada corresponde a correria):
Eu mostro para vocês... eu, eu... só para mostrar... oh...
oh...oh...oh...oh...

- NANCY - Oh...oh...oh...oh...(A PERSEGUIÇÃO ENVOLVE OBJETOS)
- COLIN - oh...oh...oh...oh...oh...
- NANCY - oh...oh...oh...oh...oh...
- TOLEN - Você não conseguiu nem pegar, Colin. Vui? Imagine só currar.
Colin, eu acho que você é inteiramente incapaz de pegar qual
quer mulher. Olha só, Colin, que eu te mostro.
- COLIN - Se você tocar nela...
eu te mato!
(PAUSA MUITO LONGA)
(Tolen larga Nancy. Ela vai até Colin. Uma moça passa pela _
janela. Tolen ri suavemente e depois sai pela janela. Tom _
pendura as cadeiras nos pregos da parede)
- TOM - Ah, assim, sim, Está lindo.
(PENDURA A SEGUNDA CADEIRA)
(PAUSA)
Assim, sim. (TOM SAI)

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025